

Maria Luana

Trilogia Marias - Livro 1



ANNE K SILVA



Maria Luana

Trilogia Marias - Livro 1

Trilogia Marias – Livro

1

Anne K Silva

1^a. Edição

Copyright © Anne K Silva

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Edição Digital: Criativa TI

Esta é uma obra de ficção. Seu
intuito é entreter as pessoas. Nomes,
personagens, lugares e acontecimentos
descritos são produtos da imaginação da

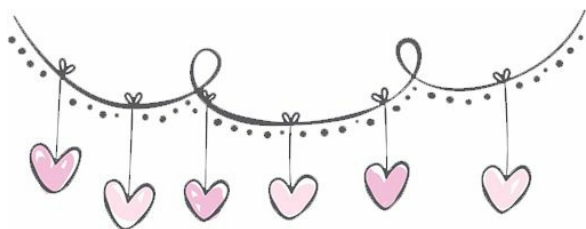
autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação

dos direitos autorais é crime
estabelecido na lei nº. 9.610/98 e
punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Sinopse

Maria Luana adora romances, mas o medo a torna realista.

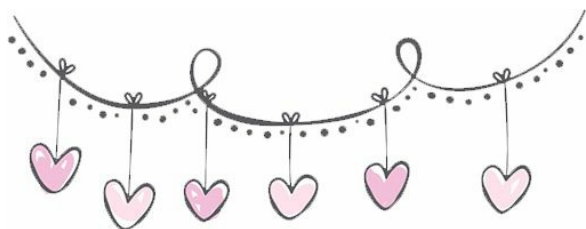
Igor Ribeiro não pensa muito sobre o amor, mas sabe que um dia poderá viver esse sentimento.

Ela é uma veterinária sonhadora, apaixonada e faladeira.

Ele é um policial militar com os pés no chão, centrado e

extremamente focado no que deseja.

Diferentes, o que os dois não esperavam era que em uma briga, o destino os colocaria frente a frente. Eles não imaginavam que uma queda seria o começo de uma história de amor.



Sumário

[Prólogo](#)

[Maria Luana](#)

[Capítulo 1](#)

[Maria Luana](#)

[Capítulo 2](#)

[Maria Luana](#)

[Capítulo 3](#)

[Maria Luana](#)

Capítulo 4

Igor Ribeiro

Capítulo 5

Maria Luana

Capítulo 6

Maria Luana

Capítulo 7

Igor Ribeiro

Capítulo 8

Maria Luana

Capítulo 9

Maria Luana

Capítulo 10

Igor Ribeiro

Capítulo 11

Maria Luana

Capítulo 12

Maria Luana

Capítulo 13

Igor Ribeiro

Capítulo 14

Maria Luana

Capítulo 15

Maria Luana

Capítulo 16

Igor Ribeiro

Capítulo 17

Maria Luana

Capítulo 18

Igor Ribeiro

Capítulo 19

Maria Luana

Capítulo 20

Igor Ribeiro

Capítulo 21

Maria Luana

Capítulo 22

Igor Ribeiro

Capítulo 23

Maria Luana

Capítulo 24

Maria Luana

Capítulo 25

Igor Ribeiro

Capítulo 26

Maria Luana

Capítulo 27

Maria Luana

Capítulo 28

Igor Ribeiro

Capítulo 29

Maria Luana

Capítulo 30

Maria Luana

Capítulo 31

Igor Ribeiro

Capítulo 32

Maria Luana

Capítulo 33

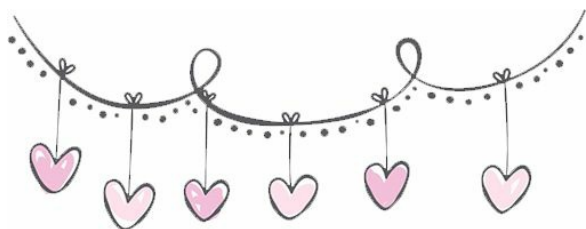
Maria Luana

Fim

Epílogo

Maria Luana

Outros Romances da Autora:



Prólogo

Maria Luana

Amigos são como irmãos, mas
podem ser como o diabo.

Amizade também é amor, dizia
a vovó.

Contudo, a velhinha sorridente

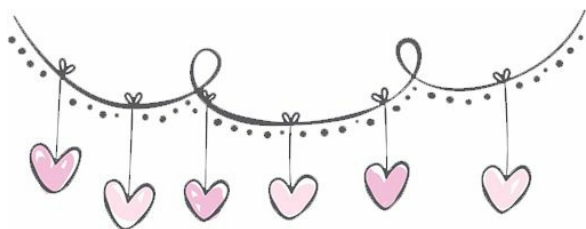
e sábia que nos deixou já há alguns anos esqueceu de dizer que amizade também pode ser um inferno quando seus amigos se comportam como se nunca tivessem visto uma mulher e precisassem passar o rodo em todas.

Amigos te apoiam, te levantam nos momentos ruins, mas não se enganem, também podem ser a causa da sua queda.

E porra, como podem!

No entanto, sua queda pode ser o começo da aventura mais interessante e feliz da sua vida.

Um amigo pode ser a causa da sua queda. E sua queda pode ser a causa do encontro do amor da sua vida.



Capítulo 1

Maria Luana

Estou terminando um capítulo do novo romance da minha autora favorita quando sinto a dor. Meus cabelos são puxados com força e o meu corpo levantado dessa forma da rede.

Enquanto tento saber o que porra está acontecendo e como saí de uma cena romântica onde a mocinha seria beijada para entrar num mundo paralelo onde sou agredida, ouço gritos.

— Alana, larga a porra da minha amiga! — a voz alta e estressada de Miguel, meu melhor amigo, soa entre as várias outras dizendo que vão chamar a polícia.

— Amiga, Miguel? Minha amiga te viu na festa beijando outra e tem coragem de chamar a vadia de amiga?

— Não me chama de vadia! E pode me soltar sua louca dos infernos.

— resmungo tentando me soltar. Era só o que me faltava, apanhar de ficante de melhor amigo!

— E ainda vou ser chamada de

louca pela amante do meu namorado? —
Alana me puxa pelos cabelos e me
assusto. A mulher só pode ser doida.

— Desculpa, mas o Miguel não
namora ninguém. E a outra não sou eu.
— Insisto em explicar.

— Fica calada, você não tem
voz aqui.

— Alana, eu sempre disse que
não tínhamos nada. O que está fazendo,

porra? Você vai machucar a Malu.

A dor de ter os cabelos puxados não se compara em nada com a sensação que sinto agora, enquanto grito e sinto o chão faltar. Ouço Miguel falando para não deixarem a louca sair e alguém de fato chamar a polícia.

O baque com o chão me diz exatamente onde estou.

Alana me empurrou do degrau

que dá acesso à área de lazer da residência de luxo que o pai do meu amigo, um político influente, mantém em um condomínio fechado.

Caramba isso dói!

Como nunca percebi que esse acesso é tão alto?

Sinto meu corpo doer. Amigos dizem para que não me mova que o socorro já vem. Não ouço e me sento

encostada a parede. Lágrimas enchem meus olhos. Sinto que o ar me falta.

Será que estou morrendo? É assim que é morrer? Deus, não permita que morra, sou tão jovem. Tenho tantos planos.

Abaixo a cabeça e respiro fundo. Engulo as lágrimas. Ouço a polícia chegar. Alana está chorando. O policial se abaixa e me olha.

— Moça, pode nos explicar o que houve? — pergunta e gemo de dor.

— Tudo dói.

— Sabe explicar o que aconteceu? — Tenta entender o que houve.

— Aconteceu que tenho o pior melhor amigo de todos, seu policial. Todo mundo sabe que ele não namora. Por que ele iria ficar com uma quando

pode ter várias? Ele é bonito. Um deus grego, não que justifique a cachorrada, mas as mulheres se apaixonam, descobrem que ele não presta e partem para cima. Infelizmente, hoje foi para cima de mim.

Sei que o policial está na dúvida entre sorrir e continuar a ouvir meu relato, mas sua postura sensata volta, então eu continuo.

— Eu estava lendo, focada num romance literário lindo, a mocinha ia ser beijada. Meu Deus, eu estava animada demais para ler essa cena, sabe? Nem lembro o que é um beijo, mas ela estava com sorte.

— Pelo amor de Deus, Malu, conta logo. — a voz de Miguel soa próxima e o olho com raiva.

— Me deixa explicar do meu

jeito, seu babaca. Olha como estou por sua causa? Eu só queria saber do beijo!

— Meu Deus, você está estrupiada, preciso te levar ao hospital, eles precisam do seu depoimento e você está preocupada com um beijo que nem é de verdade? Seu juízo se perdeu quando a tia te derrubou. Uma queda sem querer causou estrago eterno.

— Um beijo que podia ser

lindo, se a sua ficante não tivesse me arrastado da rede pelos cabelos, me batido, me xingando e para terminar me jogado de um batente que tem quase dez metros de altura.

Vejo o policial olhar para o batente e para mim. Em sua cabeça, ou bati forte demais a minha ou não sou boa em matemática. Eu diria sim para os dois, mas nesse caso é só uma questão

de perspectiva. Sinto como se tivesse caído de dez metros de altura mesmo tendo sido um e meio, dois talvez?

Quem porra faz uma entrada para área de lazer com um muro desse meu Deus? Um doido. Sempre soube que a família do Miguel não era normal.

— Então a senhorita teve seus cabelos puxados, foi agredida e empurrada da mureta pela agressora que

lhe confundiu com a amante do ficante?

— Isso mesmo seu policial.

Como posso chamá-lo?

— Sargento Igor Ribeiro.

— Foi isso mesmo Sargento Igor Ribeiro.

— Precisamos conduzi-las até a delegacia local para que possam ser ouvidas e para que as medidas cabíveis possam ser tomadas. Sente-se

confortável para ir agora? É importante que faça exame de corpo delito.

— Confortável é impossível nessa situação, mas eu vou sim. Vou só levantar e pegar minha dignidade roubada tão cruelmente.

— Aguardo para acompanhá-la a delegacia.

Levanto-me cansada e envergonhada. Sempre soube que um

barraco envolvendo o Miguel
aconteceria, mas nunca me vi envolvida.
Seu pai vai querer matá-lo. Duvido que
todos os seus amigos estarão mantendo
isso para si.

— Se eu perder espaço na
empresa te mato. Eles odeiam exposição
negativa. — resmungo e enxugo uma
lágrima que escorreu dos meus olhos.

— Não vai dar. — Miguel

responde já digitando ao celular. Sei que está falando com o tio Vicente e que logo todos de casa saberão.

Na entrada da casa o sargento me olha.

— Deseja ir em nossa viatura ou alguém pode levá-la? Seguiremos vocês até o DP.

— Onde a louca vai? — pergunto.

— Na viatura, por isso, estou
lhe dando a liberdade de ir em seu
próprio carro.

— Vamos, Miguel. Não quero
entrar no mesmo carro que sua
“namorada”. — Sigo para o carro e
entro cansada.

Vejo o sargento bonito entrar na
viatura e ligá-la.

— Desculpa, Malu. Nunca

imaginei que ela te agrediria.

— Já eu sempre soube que isso daria problemas. Nem toda mulher tem a reação de chorar ao ser traída.

— Ela não foi traída. Não tínhamos nada.

— Na sua mente. Você é mulherengo e não assume relacionamento, elas, se sentem usadas após descobrirem que você não é o

príncipe que idealizam.

— Não prometo romance. —
diz se justificando.

— Então procure mulheres que
aceitam isso. A maioria são românticas,
se apaixonam rápido.

— Carentes.

— Sonhadoras, Miguel.

— E carentes.

— Tudo bem... algumas são

carentes demais.

Meu amigo para o carro em frente à delegacia. O sargento nos espera enquanto outro policial leva Alana para dentro. Sinto pena da garota. É humilhante demais.

— Sente-se melhor? — o sargento pergunta e me espera passar.

— Sinto que fui atropelada.

— Você já foi atropelada?

— Não.

— Então não tem como comparar, mas se avaliarmos que os dez metros de altura podem realmente fazer estragado. Eu indicaria uma boa ida ao médico depois.

— Sinto que está zombando de mim, seu policial. — Sargento Igor sorri. — E o senhor ainda nem sabe a humilhação que vai ser contar tudo ao

chegar em casa.

— Sinto muito.

Entro na delegacia e o os policiais nos acompanham. O delegado nos manda sentar.

— Alguém pode explicar o que houve? — pergunta e suspiro.

Alana chora.

— Meu advogado está chegando, peço apenas cinco minutos e

já explicaremos tudo. — Miguel responde e logo ouço Freitas, o advogado, entrar. Freitas é amigo de Miguel e se ele está aqui, é porque meu amigo não quer envolver o pai, embora o tio já deva saber. Tenho certeza que o próprio Miguel contou.

— Advogado a postos. Podem finalmente contar o que houve?

— Doutor, meu amigo gosta

muito de ter casos. Ele é solteiro, bonito, atraente e bom partido, as mulheres o amam, mas sempre que descobrem que ele é um solteiro convicto choram, gritam e partem para cima, como disse ao seu amigo de lei, infelizmente hoje foi para cima de mim.

Suspiro.

— O que ela quer dizer é que...

— Que você mantém

relacionamentos casuais e as mulheres se iludem. Depois causam confusão. — O delegado interrompe meu amigo.

— Mais ou menos isso. Alana e eu nunca namoramos. Ficamos em algumas festas e eu sempre disse que não namorava, ela de alguma forma assumiu esse relacionamento fictício por nós dois. Fui em uma festa com meus amigos, beijei outra pessoa e uma amiga

dela viu. Alana entrou em minha casa sem ser convidada, gritou, agrediu a minha amiga e a empurrou de uma mureta que dá acesso a nossa área de lazer.

— Eu te amava, Miguel.

— Alana foram poucas as vezes que nos vimos, você não tem meu número de celular, não sei como chegou a minha casa. Eu nunca te pedi em

namoro, nunca sequer falei em relacionamento. Como pode me amar?

— Achei que finalmente eu poderia ter um futuro lindo. Você é influente, sua família é educada, eu queria pela primeira vez não ser a pobre coitada do meu grupo de amigos.

— E olha onde isso nos trouxe. Você pode ter um futuro lindo, mas não um futuro lindo comigo. Você machucou

minha amiga.

— Desculpa, por favor, me desculpa. Eu juro que nunca mais chego perto de você, moça, mas por favor, eu acabei de terminar a faculdade, fui contratada pela empresa, não posso responder um processo, isso ia acabar com minha reputação.

— Reputação que ainda está conquistando. — resmungo.

— Olha, eu sei que errei. Sinto muito.

— Senhorita você deseja seguir adiante com a denúncia? — o delegado pergunta e sei que está nos odiando. Ele poderia estar fazendo coisas mais importante a ter que lidar com uma louca insegura como Alana.

Olho a garota chorando e sinto ainda mais pena.

— Delegado, só quero ir para casa. Na verdade, ao hospital, preciso limpar os arranhões, mas quer saber... há tantos casos graves por aí para o senhor perder tempo investigando uma agressão. Não concordo com o que ela fez, mas nesse momento, sinto mais pena que raiva. Carência parece ser o mal do século.

Miguel me olha e sei que me

acha louca.

— Podemos ir embora? Ela já levou um baita susto, meu tio vai dar a bronca que o meu amigo aqui merece por causar tudo isso...

— Não causei...

— Indiretamente causou... —
Interrompo Miguel e continuo — Só basta o senhor dizer e vamos todos embora. — O delegado me olha. Freitas

também.

— Malu, tem certeza? —

Freitas me pergunta.

— Olha só para a menina,

Freitas. Não é como se o mundo fosse acabar por isso.

— Estão liberados. — o

delegado diz, vira-se para Alana e aconselha — Tenha mais juízo moça.

Você é jovem, pode acabar levando um

processo por atitudes assim. —
Assustada, Alana balança a cabeça freneticamente. Ele então vira-se para Miguel e completa — Um conselho? Ou encontra mulheres maduras ou pare de ter encontros. Minha delegacia tem problemas maiores que casos amorosos para resolver.

Nós nos levantamos e saímos.
Vejo Alana se encolher ao perceber que

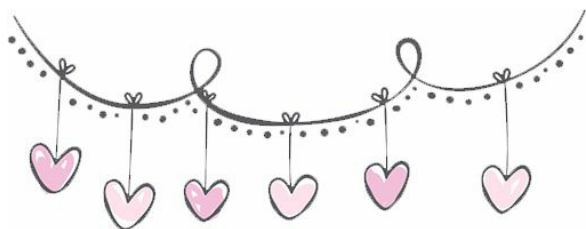
sua única carona seria a viatura.

— Porra, você me paga,
Miguel!

Caminho até o sargento que tão educadamente nos acompanhou.

— Sargento, acho que seria constrangedor a criatura chegar em casa em uma viatura, meu amigo causador de tudo isso irá chamar um táxi. Não se preocupe. Iremos aguardar.

Miguel chama o táxi. O Sargento nos observa e tenho certeza que acha que somos loucos. A verdade é que somos um pouco. Entramos no carro e seguimos até o hospital onde Maju trabalha. Se eu estava pensando que a humilhação maior foi ter ido até a delegacia eu estava errada.



Capítulo 2

Maria Luana

Após a triagem com o médico que receita alguns remédios para as dores e pomadas para os arranhões que ficaram em meu corpo, sigo até a sala de curativos, onde cada um deles serão

limpos adequadamente.

Miguel senta-se na sala de espera e entro na sala de curativos.

— O que aconteceu? Você não estava na casa do tio Vicente? — minha irmã questiona e observa meu corpo atentamente.

— Um acidente chamado Alana.

— Alana?

— Uma ficante do Miguel que descobriu que não é única. Ela invadiu a casa, gritou, xingou, me bateu e me empurrou da mureta. Sabia que parece ter dez metros de altura?

— Que drama, Malu! O muro deve ter no máximo um metro e meio, dois talvez. Mas que loucura. Eu sempre achei que alguém iria desconfiar de uma de nós três, ainda bem que não fui eu.

Odiaria apanhar de graça.

— Obrigada pela parte que me toca, querida irmã. Eu adorei ser agredida e ter ido parar na delegacia. — resmungo ao vê-la mexendo nos arranhões.

— Ninguém merece passar por isso. O Miguel ao menos apanhou? — pergunta curiosa.

— Não. Ele ficou tentando

convencer a garota a parar de me bater e claro, depois ficou com medo de eu ter morrido.

Minha irmã sorri.

— Você é hilária. Não consigo acreditar que isso aconteceu quando estou de plantão. Que merda. Eu daria tudo para ver um bom barraco.

— Na próxima, espero que seja você envolvida. Quero só ver a sua cara

de engraçada do caralho quando tiver
seus cabelos puxados, for estapeada e
claro, jogada da mureta.

— De dez metros de altura.

— Tem certeza que é minha
irmã Maria Júlia? — pergunto.

— Absoluta. Sua dramática. —
Sorri. — Tome todos os remédios
certinhos e descanse. Infelizmente no
banho alguns ainda vão arder, mas nada

grave. Você sobreviveu ao ataque das piranhas. É uma guerreira.

— Você deveria ser comediante.

— E você menos dramática. Agora vai. — Minha irmã sorri ao me ver levantar resmungando — Eu não estou acreditando nisso!

— Você poderia ser mais educada e não sorrir da desgraça alheia?

— Desculpe.

Saio da sala e Miguel se levanta para me encontrar. Ele me deixa em casa e meu pai me abraça ao me receber.

— Já souberam? Ótimo! Essa vergonha eu vou ter que carregar perante a família inteira.

— Tão dramática essa minha menina! — papai diz.

Sento-me no sofá e Miguel se senta ao meu lado.

— Já me desculpei tio. Eu não sabia que a Alana era maluca.

— Como se você realmente se importasse na hora de agarrá-las na balada. Até parece que você vai se importar em perguntar.

— Não faz diferença, Malu. Todo mundo sabe que rolo de balada,

fica na balada.

— Pelo visto a menina não. —
mamãe diz ao entrar na sala e sinto o
cheiro maravilhoso de salgados
assando.

— Meu Deus, eu amo esse
cheiro. — Miguel diz e preciso
concordar. É maravilhoso. — Eu não
entendo como vocês não engordam. Se
minha mãe soubesse fazer o mínimo que

a tia Maraiza faz eu estava uma bola.

— Só não ficamos porque ela se nega a nos dar. É muito difícil conseguir alguns.

— Pelo visto o meu trabalho é negar coisas a você e suas irmãs e reclamar. Para de resmungar que sempre faço salgados para vocês.

— Podia me dar alguns para ajudar na minha recuperação.

— Você apanhou, Malu, não foi atropelada. Levante-se e vá buscá-los.

— Fui jogada de uma altura de dez metros.

— E permanece inteira? Para que hospital você a levou, Miguel?

— Ela bateu a cabeça muito forte quando a senhora a derrubou. Uma pena. Uma mulher tão bonita, ficou com trauma eterno de uma queda da infância.

— Quem diria que vocês seriam tão engraçados.

— Toma resmungona. — Papai me entrega alguns salgados e suspiro ao comer. Diante de toda confusão esqueci o que era estar com fome.

— Ah, caramba! Esqueci o livro na sua casa, Miguel. Por favor, vá buscá-lo. Vou morrer se não souber do beijo.

— Você não está falando sério.

— Ele me olha.

— Acho que você me deve uma
bem grande depois de hoje.

— Chantagista do caralho. —
diz ao se levantar — Nunca entendi por
que faço a vontade dessas Marias dos
infernos. Bando de aproveitadoras. —
Continua ao caminhar para a porta. Sei
que ele vai buscar. Miguel é um amor.

— Vocês têm esse menino enrolado nos dedos e nunca entendi como isso aconteceu.

— Papai, é o charme das Marias. — Sorrio enquanto deito e espero confortavelmente meu livro novo retornar.

Uma hora e meia se passa até que ele retorna.

Sinto o sofá afundar ao meu

lado e sorrio.

— Só para constar, eles não ficam juntos no final. Li o último capítulo e o cara morre deixando a mocinha grávida. Fim trágico já que a família dele a odeia por ser pobre. Ricos em livros são tão esnobes.

— Não estou acreditando que você leu o final! Pior, eu não estou acreditando que você ousou me contar

essa porra! Agora como vou ler?

— Lendo.

— Você acabou com a história.

— Não escrevi o livro, apenas li o final. Aliás, deve ter continuação. O epílogo narra a luta para a criança nascer. O médico estava bem envolvido com a pobre mãe sofredora.

— Meu Deus, Miguel! Eu te odeio.

— Tia, crianças podem demorar para nascer?

— Você demorou um dia inteiro, Miguel.

— É que ele era tão bom que a tia Vânia queria deixá-lo escondido no útero mamãe. — digo irônica e ele sorri.

— Como você é boba. Tem quantos anos mesmo?

— Idade suficiente para te

mandar tomar no...

— Engole a palavra Maria Luana! — Minha mãe reclama e senta-se ao lado do Miguel. — Vocês quando se juntam nem parecem adultos. Acho que todos vocês têm problemas. Malu já devia estar planejando sair de casa, mas continua enfurnada na minha, você, Miguel, devia estar tomando jeito e continua um adolescente. Onde já se

viu? Pessoas adultas agindo como bebês.

Miguel e eu ficamos sérios. Sei que apesar da bronca ser num momento engraçado, as palavras da minha mãe representam um desabafo. Têm pais que adoraram manter os filhos em casa, outros, como os nossos, festejariam nossa saída.

— Vi uma matéria falando que

hoje, os jovens estão cada vez mais demorando para sair da casa dos pais. Acho muito cômodo isso. Ajudam com os gastos, mas não querem assumir a responsabilidade de ter uma casa. Minha mãe dizia que só se aprende a ser adulto quando é capaz de manter uma casa.

— Sou capaz de manter uma casa, mamãe. Tenho um bom emprego, tenho um bom salário. Só não sabia que

estava com tanta pressa para me ver longe. — Chateio-me.

— Amo você, Malu. Mas enquanto estiver aqui, estará acomodada.

— Em quê?

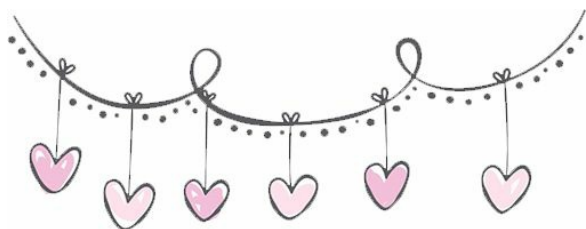
— Em tudo.

— Mas eu mal vivo em casa! Trabalho o dia inteiro.

— E mora na minha casa.

Miguel está incomodado, sei que ele também irá ouvir exatamente o mesmo quando o tio Vicente e a tia Vânia o pegarem em casa. Entendo o ponto de vista da mamãe, mas magoada por perceber que todas as brincadeiras sobre suas filhas tomarem rumo na vida e irem morar sozinhas tem muita verdade, levanto-me e vou para o quarto.

Queria chorar, mas a dor de
cabeça volta. Tomo um remédio e deito-
me esperando que o sono me envolva.



Capítulo 3

Maria Luana

A semana se passa corrida, devido aos arranhões no braço, meu chefe dono da clínica não me deixa trabalhar.

“Trabalhamos com animais,

Maria Luana, se algum deles passa a língua no arranhão é pior”

Insisti que trabalho com luvas, dificilmente algum animal lamperia minhas feridas, mas não teve jeito. Fui dispensada. Sei bem o que é isso. A filha dele acabou de se formar em veterinária, a clínica não suporta manter três veterinários e sinto que meu tempo está chegando ao fim. Uma pena, a

mamãe vai lamentar eternamente ter uma filha que mora com ela e ainda por cima está desempregada.

— Será que joguei algo na cruz? — pergunto ao terminar de me arrumar para ir ao bar que Miguel nos convidou, mas apenas eu aceitei ir. Duas Marias *farrapeiras* é o que são as minhas irmãs.

— O que disse? — Maria Júlia

pergunta, já que Maria Eduarda já sumiu de casa. Cheia de segredos essa caçula.

— Vou ser demitida.

— Se eu fosse teu chefe e te visse sair assim eu também te demitiria.

— minha irmã diz e tem a ousadia de deitar-se em minha cama.

— Por que sempre se joga na minha cama? A sua está do lado. — reclamo e Maju sorri.

— Acho que a mamãe quer nos mandar embora de casa, por isso, sabia? Quando éramos pequenas esse quarto parecia gigante para nós três, mas agora? Três mulheres adultas dividindo o mesmo quarto? É insanamente estranho. Não sei como ainda não nos matamos. — diz e sorrio. Dividimos um quarto e conseqüentemente o guarda-roupa, já que ficaria impossível ter dois

no quarto, mas somos organizadas e conseguimos manter a ordem.

— É estranho mesmo. Tenho vinte e cinco anos e dividido meu quarto, guarda-roupa e banheiro com minhas duas irmãs. A mamãe deve achar que está criando bebês gigantes. — digo.

— Você é hilária.

Ficamos em silêncio e me olho

no espelho. É só uma ida ao bar, o que meu short curto, camiseta e tênis tem de tão ruim?

— Por que você será demitida?

Mundo chamando Maria Luana! – Maju questiona e suspiro. Sento-me ao seu lado em minha cama de solteiro.

— A filha do dono da clínica acabou de se formar em veterinária, lá não aguenta manter três profissionais

formados. O cara, me deu uma semana de dispensa por causa de arranhões. Sei que foi um aviso. Ela vai pegar o diploma e assumir meu lugar. — digo e suspiro.

— Por que não se arrisca, Malu? Você foi uma ótima estudante, fez estágios voluntários em ongs animais, você conhece distribuidores, por que não abre uma clínica?

— É caro manter uma clínica.

— Não ouviu o que eu falei?

Você conhece pessoas que lutam pela causa animal, conhece pessoas que pagam fortunas para manter um animal, una os dois. Converse com seus amigos de ongs e causas animais, faça para eles preços populares. Conquiste os grandes clientes para ajudar a manter a clínica.

— Como isso pode funcionar?

— Às vezes acho que você tem problemas... é simples... você tira dois dias da semana e reserva para causas sociais animais. Nesses dois dias, por exemplo, você atende a preço acessível e apenas indicações de ongs. Seria uma parceria, sei que muitas delas trabalham com o resgate de animais de ruas para depois colocá-los em adoção. A pessoa que adotar um animal, ganharia um tipo

de plano animal com você. Poderia ter acesso a consultas com preços mais em contas. Nos dias normais a consulta volta a preço do mercado, com exceção de emergências.

— Não é só conseguir clientes, há toda uma estrutura.

— Apenas pensa. Você vai ficar desempregada mesmo. O local, você pode alugar. E arrumar uma pessoa

para tosa e banho é fácil. Pega o dinheiro que tem e o que vai receber e investe nisso. A maior parte do material você já tem. Sei que é chata e usa os seus próprios. Agora vai logo que o Miguel já deve estar chegando.

Sigo para a sala para esperar meu amigo com a cabeça a mil. Sei que será difícil, mas posso conseguir. Quer dizer, já morei vinte e cinco anos com a

mamãe, mais alguns não vão matá-la.

(...)

Miguel reclama pela minha roupa, mas não dou a mínima. Homens sempre se importando com as roupas que as mulheres vestem e sempre achando que nos vestimos para chamar a atenção deles, pobres coitados! Nos

vestimos da forma que for porque nos sentimos bem.

Entramos no bar e vejo os olhares babões sobre mim. Faço de conta que não vejo até que sinto. Uma mão boba e idiota passa por minha bunda e viro-me pronta para briga.

— Está achando que é monumento público para chegar e tocar sem autorização?

— Está vestida assim porque quer ser tocada. Sua bunda está pedindo por mãos.

— Sua cara sem vergonha também está pedindo. Um murro bem dado, babaca.

— Malu, vamos embora, você não merece isso. — Miguel diz e toca em meu braço. Me solto dele e xingo. Não nasci para aturar homem idiota!

O cara ri e continua falando sobre mulheres pedirem por atenção através das roupas, continuo falando o quanto ele é machista, o quanto sua mente é pequena e seu cérebro do tamanho de uma ervilha. Ele vira-se e sai com os amigos. Jogo as mãos para cima e viro-me para Miguel. Fecho a cara e sigo para o bar.

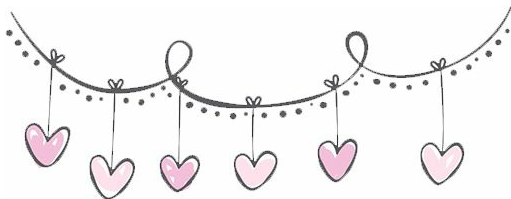
— Bando de idiotas. —

resmungo ao caminhar.

— Malu...

— Não fala nada, Miguel! Não quero ouvir sua voz.

Continuamos caminhando, a raiva me domina e acaba levando de mim todas as ideias para um negócio próprio. Homens realmente sabem como acabar com o dia de uma mulher.



Capítulo 4

Igor Ribeiro

Estou caminhando com meu melhor amigo pelo bar, que está uma bagunça quando a vejo. Ela está brigando com alguém, que não se importa com suas palavras e isso a irrita

ainda mais.

Como alguns homens são burros! Todo homem inteligente sabe que demonstrar desinteresse irrita as mulheres, por que continuam mostrando algo assim?

A observo.

Seus cabelos escuros estão soltos. Sua blusa branca apertada marca seus seios volumosos, seu short jeans é

folgado. Ela vira-se para continuar discutindo e solto um gemido baixo.

O short curto quase mostra demais.

Maria Luana.

Guardei seu nome. Seu rosto. A primeira vez que a vi foi surreal, a mulher não falava coisa com coisa e ainda assim se mostrava linda.

Me senti atraído de início e

isso nunca aconteceu comigo, não em uma ocorrência de trabalho. Sorrio ao olhá-la desistir da briga e jogar as mãos para o alto.

— Sorrindo sozinho, cara? —

Heitor pergunta e o olho sorrindo.

— Ela está aqui.

— A maluca que foi jogada de dez metros de altura? — pergunta e sorrio ainda mais.

— Sim. Ela está aqui — a procuro no meio das pessoas e a vejo vindo em nossa direção, ou melhor, em direção ao bar —, e vindo para cá.

Heitor se vira para observar a garota e me irrito por saber que ele está pensando apenas nos atributos físicos.

— Uau!

Reviro os olhos. O amigo pegador está atrás dela. Maria Luana

encosta-se no balcão ao nosso lado.

— Babaca. É isso que todos os homens são.

— O que sempre te falo sobre sair assim?

Ela o olha e por um instante acho que ela poderia matá-lo.

— Meu corpo, minha roupa, minhas regras. Não seja machista.

— Não sou e você sabe disso.

Só fico preocupado Malu, isso sempre vai acontecer. Eles sempre vão achar que por estar mostrando está dando liberdade.

— Não estou. Por acaso quando você anda sem camisa alguma mulher te agarra?

— Não, mas muitas querem. — diz.

— Estou falando sério, Miguel.

— O mundo ainda é machista,
Maria Luana, brigar dessa forma,
gritando e xingando não vai mudar.

— Deixar de usar minhas
roupas vai? Não vou me calar para
satisfazer a vontade de homens que não
lidam bem com mulheres donas de si.

— Não vamos discutir, não
viemos aqui para isso. Só falo das
roupas porque não são todos os homens

que irão apenas te olhar, alguns são ruins, Malu e podem realmente te fazer mal pelas loucuras deles.

Fala errada, a culpa nunca será dela ou da roupa. Miguel deveria dizer isso. Maria Luana suspira, Miguel me vê e acena. Malu, segue o olhar do amigo e sorri.

— Seu policial....

— Aqui, é Igor Ribeiro. – digo.

— Você também acha que o mundo é machista? — Seu amigo geme e ela me olha. Malu parece ser o tipo de pessoa que não deixa o assunto morrer.

— Se fodeu... — Heitor fala próximo a mim, pois sabe que ela só quer mostrar seu ponto de vista ao amigo e que eu sou um meio para o fim.

— Cara, traz duas biritas pesadas que meu amigo aqui vai precisar!

— Você já sabe a resposta,
Maria Luana. Mudamos muito, mas o
caminho é longo.

Pego a bebida que o garçom
serve e dou um longo gole. Maria Luana
está com cara de cachorro que caiu do
caminhão da mudança e embora
chateada pede algo para beber.

— Pode tirar esse limão da
boca e ficar feliz? Viemos aqui

comemorar. — O amigo pede e os observo.

— Tudo por você, o melhor consultor financeiro que existe. — diz enquanto simula um brinde e bebe o drinque. O amigo a abraça e sorri. Uma mulher bonita se aproxima e ele rapidamente solta Malu.

— Espero que não acabe em confusão. — digo baixo, mas ela sorri

mostrando que ouviu.

— Ele nunca vai aprender, elas nunca vão mudá-lo.

— Ninguém muda por ninguém. A mudança verdadeira só ocorre quando queremos e ela acontece por nós mesmo. As pessoas podem motivar, mas nunca são o real sentido.

— Desculpe chegar com papo sério demais para um bar. Seu dia a dia

já deve ser cansativo demais para falar e ouvir temas sérios em um bar. — diz e sorrio.

— A semana foi puxada, mas não me importo de ouvi-la.

— Menos, cara. — Heitor fala e mostra que é quase minha sombra. Que porra ele está fazendo que ainda não sumiu do meu lado com alguma mulher?

Malu sorri.

— Isso é muito estranho, minha irmã, Maria Júlia diria que estamos perdendo tempo. Ela odeia perder tempo.

— Sobre o que você falaria?

— Ela me olha — Em um bar, com um cara, o que você falaria....

— Depende. Se eu o conhecesse falaria sobre tudo.

— E se não o conhecesse?

— Acabaria falando sobre tudo. — Sorrio e a observo. Malu é diferente das mulheres que já conheci. Ela tem uma pitada de loucura que me deixa encantado. — Mas, hoje, eu gostaria de estar com alguém que pudesse me ouvir falar sobre meu futuro desemprego, no entanto, meu amigo conseguiu bater uma meta pessoal no trabalho, não iria enchê-lo sobre estar

na mira da demissão.

— Sinto informar, mas seu amigo acabou de sair com a ruiva. — Heitor passa por nós com uma morena. — E eu, meu amigo, vou fazer como ele. Te vejo em breve, seu policial. — diz e sorrio sabendo que ele está zoando com a Maria.

Seu policial? Ela é hilária.

— Amigos às vezes são tão...

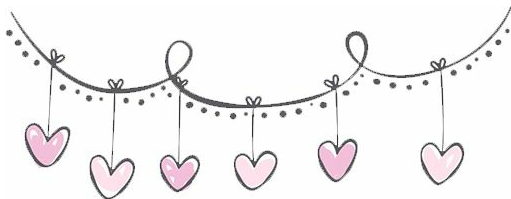
— Eles são.

— Acho melhor ir embora. —

Pega o celular.

Como Heitor já saiu, decido voltar para casa. A acompanho até a frente do bar e espero que chame um táxi. Um grupo de bêbados passa e esbarram nela, seu celular cai no chão e ela não percebe, entra no carro e vai embora. Me abaixo, pego o aparelho e

caminho até meu apartamento a duas
quadras do bar.



Capítulo 5

Maria Luana

Chego em casa cansada.

Embora rapidamente tenha sido abandonada por meu amigo que não pode ver mulher, tenho a sensação de ter tido uma boa noite. Sargento Igor

Ribeiro é divertido, atento e me ouviu com atenção, mesmo que nossa conversa não tenha se prolongado.

Abro a porta do quarto tentando não fazer barulho e lembro do rosto do policial que me fez companhia. Igor tinha um ar leve, um olhar intenso e muita paciência.

Entro em silêncio e caminho até minha cama.

— Isso são horas, Malu? — a voz divertida de Maria Júlia me faz suspirar.

— Você não dorme? Sempre nos ver chegar. É assustador. Até parece a mamãe.

— Uma vida inteira dormindo ao meu lado e não percebeu que tenho sono leve? — Minha irmã sorri. — Estou esperando a Madu. Ela saiu assim que

chegou da casa de uma amiga. Acha que ela tem alguém e não quer nos contar? Odeio segredos entre nós.

— Acho que algo ela está fazendo, mas ainda não está pronta para contar. Você sabe, a Maria Eduarda sempre foi de guardar as coisas para si, tenho medo de vê-la insegura e achar que não pode se abrir conosco. Por que ela não se abre? Não é como se

fôssemos correndo dizer à mamãe.

— A não ser que que esteja fazendo algo errado. — Observo minha irmã em silêncio e Maria Júlia completa: — Homens casados, prostituição, drogas.

— Por favor, Maju, nenhuma de nós faria algo assim. Você vê muito filme.

— E você é boba demais! —

Sorri. — Achei que não viria para casa.
— diz, pois quando saímos com o Miguel acabamos ficando na casa dele.

— Miguel rapidamente encontrou uma amiga mais interessante. Nem avisou que ia embora. Fiquei quase sozinha.

— Quase?

— O sargento Igor Ribeiro estava lá.

— O sargento bonitão que foi na ocorrência com a Alana?

Sorrio.

— Ele!

— Você beijou? Diz que sim! Acho que tem algo estranho pairando sobre essa casa. Nenhuma de nós tem beijado. Não sei como a mamãe ousa dizer que precisamos ir embora.

— Ir embora sozinhas, não

necessariamente casadas. Ela quer a casa vazia.

— Aposto que só saímos casadas. Ela irá enlouquecer.

— Não estou em condições de apostar nada.

— E o sargento?

— É divertido, tem um olhar intenso. — Sorrio.

— Prevejo novas saídas. Pegou

o número de telefone? Quem sabe ele não tem amigos? — Maju se empolga.

Coloco a mão no bolso do short para pegar o celular e não o encontro. De novo?

— Ai, meu Deus! Acho que perdi meu celular!

— De novo? — Maju começa a rir e resmungo jogando-me na cama. — Você deveria andar com ele pendurado.

— Não acredito. Será que irão devolver?

— Algum dia você vai acabar esbarrando em algum espertinho e verá que nem todo mundo é bom.

— Espero que devolvam. —
digo enquanto me levanto, pego um pijama e sigo para o banheiro. Meia hora depois, entro no quarto e deito-me em minha cama.

Maju ainda está acordada quando ouvimos passos, a porta do quarto se abre e Maria Eduarda entra sorrateira. Ela não percebe que estamos acordadas até que Maju se levanta e quase a mata de susto. Vejo Madu colocar a mão no peito e pular. Sorrio.

— Posso saber onde estava? —
minha irmã do meio questiona e acho que ela se sente a mamãe. Maria Júlia

sempre sentiu necessidade de saber muito sobre nós. Ela se abre e gosta de nos ouvir. Para ela, guardar segredos é como afastá-la, uma prova de que não confiamos em sua capacidade de manter apenas entre nós.

— Jesus! Você tem problemas,
Maju!

— Por que você não nos conta sobre suas saídas?

— Não é nada demais.

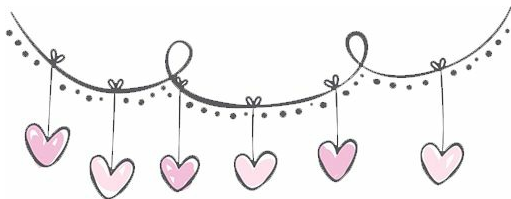
— Então por que não nos conta? Somos suas irmãs.

— São as melhores irmãs que eu poderia ter. As melhores amigas, apenas... não é nada demais, pelo menos agora e não é nada errado. — Madu senta-se em sua cama. — Prometo.

— Juro por Deus que vou segui-la.

Deito-me enquanto Maria

Eduarda faz o mesmo processo que fiz anteriormente. Estou tão cansada que rapidamente pego no sono.



Capítulo 6

Maria Luana

No dia seguinte, Maria Júlia me entrega seu celular. Sem entender o que ela quer que eu faça, coloco o aparelho ao lado e ela me olha.

— Céus, Maria Luana. É para

você ler a mensagem. – reclama.

— Você não explicou, não sou advinha.

Olho para a tela e sorrio.

Desconhecido: “Olá, achei o celular da Maria Luana. Gostaria de marcar um horário para que pudesse devolvê-lo. Me chamo Igor.”

Você: “Amanhã estarei no consultório animal vet. Trabalho de

dez às cinco. Ah, obrigada por enviar mensagem para minha irmã.”

Desconhecido: “De nada. Passarei por lá!”

Sorrio e devolvo o celular da Maju. Passo o dia vendo tevê e roubando salgados da mamãe que reclama sempre que entro na cozinha.

(...)

Acordo ansiosa. Sei que não deveria estar, mas não vou mentir e dizer que Igor Ribeiro não me atrai. Ele me atrai sim. Me arrumo rápido e sigo para a clínica. Mal coloco os pés no local e meu chefe me chama no escritório.

— Maria Luana, acho que já sabe o motivo dessa reunião.

— Imaginei.

— Sinto muito. Minha filha precisa de experiência, não posso arcar com as duas. Você é inteligente, tem experiência, um bom currículo, logo estará no mercado de trabalho. Sinto muito.

— Vou precisar pagar o aviso prévio? — pergunto.

— Não. Também não precisa

ficar hoje. Pode pegar seus materiais.
Sinto muito.

— Família sempre em primeiro
lugar. Desejo que sua filha tenha
sucesso.

— Desejamos que você
também tenha.

Sorrio tristemente e vou para
meu consultório. Pego meus materiais e
me despeço dos colegas. Coloco tudo no

carro e suspiro. Penso em como contar a mamãe que agora além de ter vinte e cinco anos e morar em sua casa, sou uma desempregada.

Viro-me para frente e o vejo. Igor está descendo do carro e sorri ao me ver. Retribuo apesar de não estar feliz.

— Olá! — diz ao se aproximar.

— Olá, sargento Igor.

— Apenas Igor. — diz. — Sem farda, sem patente. — Me olha e sorrio. — Aqui está. Sinto muito. Sua tela danificou.

— Sem problemas. Obrigada por devolver.

— Não por isso. — Me observa e fico sem graça. — Está tudo bem?

— Acabei de ser demitida.

Embora desde a semana passada já soubesse, sinto como se tivesse feito algo errado.

— Quer conversar? Podemos ir comer alguma coisa. — Olha o relógio.

— Já tomou café da manhã?

— Sim, mas podemos ir tomar um sorvete.

— Vamos, eu te sigo.

Dirijo para o shopping e vamos

até a minha sorveteria favorita. Peço sorvete de tapioca e queijo enquanto Igor pede de chocolate.

— O que aconteceu? — pergunta e sei que não é apenas curiosidade, ele realmente quer saber como estou.

— A filha do meu chefe acabou de se formar. Embora já tenha clientes fixos, não há como manter três

veterinários. O lado mais fraco sai. Não me sinto traída nem nada do tipo, o entendo, só é difícil recomeçar.

— Acho que esse pode ser um momento para pensar e então colocar o que deseja em prática. Tenho certeza que seus planos não se resumia a clínica onde há qualquer momento poderia ser demitida.

— Não. Minha irmã colocou

algo em minha cabeça. Passei o fim de semana pensando.

— Quer compartilhar? Sei que não nos conhecemos bem, mas estou interessado.

— Ela sugeriu que abrisse uma clínica. Que pegasse minhas economias, a rescisão e então começasse algo. Conheço muitas ongs de causas animais poderia fazer consultas solidárias para

eles e a preço normal para o restante.

— Não há problema nisso?

— A causa animal tem muita dificuldade para conseguir apoio, consultas, medicamentos e tratamento, eu poderia ajudá-los. Não é fazer uma diferenciação grande, mas destinar um lado para o social. Não posso ajudá-los sem custo, não inicialmente, mas é algo, não sei.

— Acho que poderia colocar as ideias no papel, se reunir com seus contatos. Abrir um negócio próprio envolve risco, mas a vida é isso.

— Obrigada. Hoje tinha tudo para não ser um bom dia, mas você... bom, mudou algo.

— Nem sempre um dia que começou mal, será necessariamente ruim.

— Não. Mas te conheci em um dia ruim, nos reencontramos em um dia onde fui abandonada e por fim, ao ser demitida.

Igor sorri.

— Todo mundo tem dias ruins, não foquei nas situações. Foquei em você. Te reencontrei duas vezes. Qual a chance disso acontecer de novo? — pergunta sério.

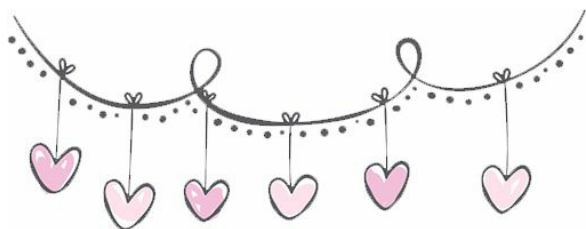
— As chances aumentarão se
ao nos despedirmos trocarmos telefone.

— digo cheia de coragem.

— Como seu telefone deve ter
descarregado, você me dá seu número.
Adorarei manter contato.

Terminamos o sorvete, passo
meu número e me despeço. No carro,
vejo que esqueci de ir à assistência
trocar a tela do celular e acabo voltando

para dentro do shopping.



Capítulo 7

Igor Ribeiro

A semana se passa, não consigo tirá-la da cabeça. Maria Luana é linda, encantadora e atraente. Divertida, levemente maluca e gostosa *pra* caralho!

Não consigo lembrar dela e não

sentir uma parte específica do meu corpo ganhar vida, traindo-me. É domingo, dia de jogo, estou terminando de preparar as carnes para o churrasco e não consigo parar de pensar nela.

Os caras chegam fazendo barulho, Heitor liga a TV e joga-se no meu sofá de qualquer jeito. Acha que está em casa.

— Porra, cara pode ter ao

menos cuidado ao se jogar no meu sofá?

Essa porra foi cara *pra* cacete!

— Uii... Está virando dona de casa? — Zoa.

— Não! Estou apenas prezando pelo dinheiro que ganho. Meu salário não é muito como o seu.

— Chorão. — diz e João Paulo senta-se fazendo graça.

— Era para soar engraçado,

João? Está parecendo uma gazela sentando-se. — digo e ele sorri.

— Não sento cara! Elas que adoram sentar, meu colo é tipo imã. — diz e me pergunto como posso ser amigo de dois idiotas. — Eu amo essa TV.

— Sua maluca entrou em contato? — Heitor pergunta e sorrio.

— Conversamos no início da semana. Ela é incrível. Espontânea, sem

papas na língua, maluca e...

— Já está apaixonado? Na outra vida você era uma mulher! — João diz.

— Você é sempre tão imbecil?
— pergunto e Heitor sorri.

— Continua, esquece o João.

— Ela fala sobre tudo e não se importa que realmente não nos conhecemos. É linda, encantadora e

gostosa.

— Pegou?

Olho de cara fechada para meus amigos que dão de ombros.

— O jogo vai começar é melhor vocês calarem a boca.

— Então traz a cerveja. A carne já está pronta.

A tarde se passa com gritaria, xingamentos e muitas latas de cerveja.

João e Heitor vão embora tarde. Arrumo a bagunça da minha casa e tomo um banho frio. Estou deitado quando o celular notifica a chegada de mensagens.

Maria Luana: “É estranho sentir falta de um estranho?”

Você: “Pensando em mim?”

Maria Luana: “E você em mim?”

Ah, Maria!

Você: “Dona dos meus pensamentos.”

Maria Luana: “Não é estranho?”

**Você: “Estranho seria se eu não
pensasse em você.”**

Maria Luana: “Alterando a música?”

**Você: “Talvez... Mas e roubando seu
coração?”**

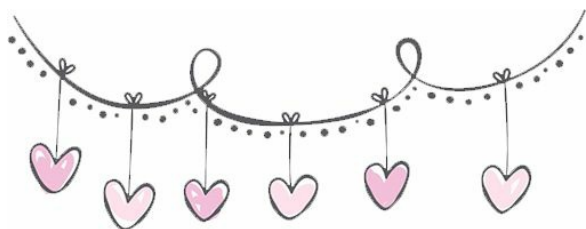
Maria Luana: “Talvez....”

Como queria poder ouvir sua voz. E beijar a sua boca. Céus, queria poder tirar sua roupa devagar e então

possui-la. Gemo pelos caminhos que meus pensamentos estão seguindo.

— Maria Luana, Maria Luana,
o que será de mim?

Sorrio ao pensar mais uma vez,
na mulher que rouba minha atenção.



Capítulo 8

Maria Luana

Mensagens se tornaram rotina.

Igor Ribeiro tem roubado meus pensamentos. Lindo e inteligente, o “seu policial” tem me atraído e feito-me suspirar. Após ouvir a mamãe reclamar

sobre como além de estar mofando em sua casa agora estarei desempregada, tiro a semana para pensar sobre o que fazer da minha vida. Sonhos mudam e os meus tem mudado.

Rabisquei bastante, conversei com alguns amigos sobre o preço justo para ongs e então fiz as contas. Tenho que ser realista, minhas economias e direitos trabalhistas não me permitiriam

abrir uma clínica, não como eu realmente desejo.

Após Maria Júlia colocar a pulga em minha orelha tenho pensando muito nisso, mas os cálculos me fizeram voltar a colocar os pés no chão. Não é fácil abrir um negócio, mas por que não?

Levanto-me da cama e decidida a ir atrás dos meus novos sonhos, pego a chave do carro e corro para fora de

casa.

Tia Vânia abre a porta assim que bato. Ela me abraça apertado e retribuo. Meu pai trabalha com tio Vicente desde quando ele entrou para a política, muito antes de nós, filhos, nascermos.

— Tia, o Miguel está em casa?

— pergunto, afinal, saí correndo de casa e não me dignei a perguntar ao meu

amigo se ele estaria em casa.

— Está lá no quarto. Pode subir. Peço para Josy fazer um lanche e levar? — pergunta e sorrio.

— Seria bom. Acho que vamos demorar.

— Vocês sempre demoram.

— Muita conversa, tia.

— Vocês sempre têm algo para conversar. Vai lá, logo o lanche chega.

Sorrio e subo correndo.

Abro a porta e um Miguel de cueca branca resmunga.

— Pode se vestir? Não vim para te ver de cueca. — digo e resmunga ainda mais.

— Não avisou que vinha. Estava dormindo.

— Não devia estar trabalhando? Não pode ter vida mole só

porque o titio é político, isso suja a imagem dele.

— Estou cansado Maria Luana.

E se nem minhas putarias sujaram a imagem do papai, não vai ser um dia de descanso que irá.

— Putaria mesmo, o que Alana fez foi uma sacanagem. Eu não devia ter te perdoado tão facilmente.

— Veio aqui falar do passado?

— Não. — digo e me jogo em sua cama. Já vestido, Miguel volta a deitar-se e encara o teto. — A tia vai mandar a Josy trazer o lanche.

Miguel sorri.

— Não tem comida na sua casa?

— Tem, mas a mamãe iria reclamar sobre como sou um estorvo. Vinte e cinco anos, desempregada e na

aba dos pais. Uma filha exemplar.

— Não liga. A mamãe fala a mesma coisa, mas se viajo por dois dias ela surta. A tia é igual.

— Miguel, arriscaria tudo?

— Como assim?

— Sonhos mudam. Você sabe, quando era pequena queria ser astronauta, então me apaixonei pelo mundo animal. Queria apenas cuidar,

não me importava em ser a empregada de alguém, até que fui demitida.

— Seu chefe era um idiota.

— Não era. Ele foi justo. A família sempre vem em primeiro lugar. A menina teria dificuldades em arrumar clientes. Recém-formada, sem um bom estágio, você sabe...

— Precisa parar de entender o lado de todo mundo.

— Maria Júlia me fez pensar.

— Quando ela não faz?

— Quando está fazendo piadas.

Miguel sorri.

— Tirei a semana para pensar e percebi que sozinha não dá. Pouco dinheiro para muita coisa. Preciso de um bom lugar, bons materiais, bons clientes... Queria agarrar esse sonho novo e então...

— Te dou o dinheiro. De quanto precisa?

— Não quero seu dinheiro.

— O que veio fazer aqui, então?

— Falar de sonhos. Não é nossa fonte de dinheiro, sabe disso. —
digo chateada.

— Não quis soar assim.

— Eu sei, só estou...

— Sendo você. Eu sei. — diz e viro-me para ele.

— Topa ser meu sócio?

— Malu, sou formado em relações internacionais, como poderia ser sócio de uma clínica veterinária? Não entendo de animais.

— Achei que sim, é um.

Ele sorri.

— Um gato?

— Um cachorro.

— Eu te amo, mas não quero ser seu sócio.

— Tudo bem.

— Mas quero ajudá-la. Posso te dar o dinheiro.

— Não quero.

— Empréstimo.

— Pago certo e com juros.

— Nada de juros e paga de

acordo com o que for ganhando. Precisa ter lucro.

— Você é o melhor. Farei um contrato.

— Não sabe fazer um contrato de negócios.

— Mas você sabe e irá fazer. Vou pagar tudo e então...

— Terá sua clínica. Como quiser. Melhor localização, melhores

produtos, melhores tudo.

— Eu te amo.

— É a minha Maria preferida.

— Diz isso a todas! É mesmo um canalha.

Sorrimos.

Depois de tomarmos café da manhã, passamos o dia corrigindo meu plano de negócios. É tarde quando saio da casa do meu melhor amigo. No carro,

pego celular e rapidamente digito:

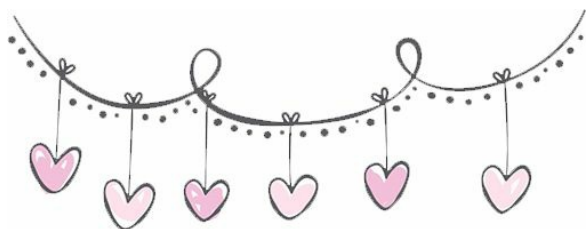
Você: “Livre para um café?”

**Igor: “Acabei de sair do
plantão. Podemos jantar?”**

Sorrio, envio o endereço do
melhor restaurante que conheço e ligo o
carro.

No caminho, me pergunto como
o sargento Igor Ribeiro passou a ser a
primeira pessoa para quem desejo

contar meus planos.



Capítulo 9

Maria Luana

Convidá-lo para um café foi automático. A verdade é que tenho pensado muito no Igor. O policial metido a engraçado é extremamente lindo.

Chego primeiro no restaurante e peço uma mesa. Estou lendo um romance pelo celular quando Igor chega. Seu perfume em meio ao cheiro de comida se sobressai. O olho atenta e perco o rumo dos pensamentos. Lindo. Ele é lindo.

— Posso me sentar? — pergunta fazendo-me voltar a realidade.

— Sim, seu policial! — brinco

e ele sorri.

— Sabia que meus amigos
estão me zoando por isso?

— Estão me zoando! — rebato.

— Também, mas o seu policial
é mais zoadado.

— Obrigada por ter vindo! —
falo e o observo.

— Obrigado por convidar.
Gostaria de ter tido a ideia primeiro,

mas o dia foi corrido no plantão. Não
pensei em nada.

— Uau!

— No entanto, nos últimos
dias, só pensei em você.

Sorrio.

— Miguel me deu o dinheiro.

Vou procurar um bom lugar, vou oferecer
serviço de qualidade, preço justo e
participar de ações voltadas a causa

animal. Não quero apenas ter lucro, quero fazer algo mais.

— Fico feliz. — diz assim que nosso jantar é servido.

— Pagarei o dinheiro, Miguel queria me dar, mas farei questão de pagar. Sinto-me imensamente motivada. Eu sonhava em terminar a faculdade e me colocar no mercado de trabalho. Ter um emprego que pagasse um salário

justo era o que eu queria. Amo os animais, mas sei que infelizmente nem só de amor a profissão se sobrevive.

— Infelizmente não. No entanto, amar o que faz é oitenta e cinco por cento de chances de ter sucesso. É tedioso fazer o que não se gosta. Estressante. E sonhos mudam.

— Experiência própria ou apenas para me empolgar mais?

— Um pouco dos dois. Antes de me dedicar a carreira militar, fiz vestibular para economia, mas odiava as aulas. Troquei para direito, me esforcei no concurso e aqui estou. Sendo o “seu policial”. Amo a rotina do meu trabalho, por mais desgastante que seja.

— Não te vejo um economista. Fica bem de farda.

— E muito melhor sem ela. —

diz e sorrio.

— Isso eu não sei.

— O beijo aconteceu? — Muda
de assunto.

— Beijo?

— Do seu livro. Foi jogada de
dez metros de altura enquanto lia sobre
um beijo. Aconteceu?

— Talvez sim. Não terminei de
ler. Miguel contou todo o final do livro e

me desencantei.

— Prefere a surpresa?

— Qual seria a graça de continuar sabendo o fim? Não teria a aventura, o frio na barriga em descobrir o desconhecido. Gosto da emoção.

— A aventura é mais importante do que o destino final?

Sorrio. Porque às vezes sim, às vezes não.

— Você terminaria? Se já soubesse o final, ainda assim, seguiria até o fim? — pergunto curiosa.

— Talvez sim, talvez não. Poderia saber o fim, mas não o processo. Há milhares de caminhos, um deles poderia levar até o conhecido.

— Não seria óbvio demais?

— E se não fosse? E se fosse um caminho tortuoso, difícil? — rebate.

— E se fosse fácil demais?

— Não há nada de errado em seguir pelo caminho mais tranquilo. Há pessoas que se arriscam ao novo e desconhecido sem medo de ferir-se. Há quem prefira o conhecido, o calmo. Quem está certo ou quem está errado?

— Nenhum. Minha mãe diz que cada pessoa é um mundo e que o tempo é o senhor dono de tudo. Conhecedor de

tudo.

— O que importa é que a felicidade deve ser nosso ponto de partida, nossa chegada. Companheira. Se está feliz, é o que importa.

— Estou radiante! Embora tenha ouvido o quanto sou uma filha irresponsável por ter vinte e cinco anos e estar morando com os pais e ainda por cima desempregada, estou feliz. Maria

Júlia plantou uma sementinha e estou regando-a.

— Quando colher os frutos verá que valeu a pena. Que até as reclamações eram nada comparado ao que sentirá.

— Ah, já me acostumei. Na verdade, nós, Marias, já nos acostumamos. Mamãe adora reclamar sobre estarmos em casa.

— Quantas são?

Sorrio.

— Somos três. As três Marias.

— Alguma promessa?

— Nenhuma. Coisa de pais malucos. Queriam nomes parecidos.

— Maria é igual.

— Se disser isso na frente da mamãe ela dirá que não importa, a lógica dela sempre será a correta.

— Pais. — diz e sorri enquanto aproveita para roubar uma batata frita do meu prato.

— Tem irmãos?

— Biológicos, nenhum. Dois melhores amigos que vejo como irmãos. Amigos, poucos. Qualidade acima de quantidade. É o meu lema.

— Melhor um amigo real que milhares “falsos”. E família... acho que

nem sempre é feita pelo sangue... Você sabe... o carinho, cuidado e respeito nos aproxima e o amor, a amizade faz permanecer.

— É a pessoa mais incrível que já conheci. É espontânea e doce. E bem-humorada. E linda. Já te disseram o quão linda você é, Maria Luana?

— Não. — digo e o observo.

— Perderam a chance. Penso

em você, falo sobre você, é capaz de estar sonhando com você. — diz e sorrio.

— Está tarde. — Corto o clima Igor pede a conta. Insiste em pagar e deixo.

Saímos juntos, ele me acompanha até meu carro e toca meu rosto. A sensação de curiosidade me toma. O desejo de beijá-lo também, no

entanto, o medo se faz presente e ao invés de dar o passo que ele me pede com o olhar eu recuo.

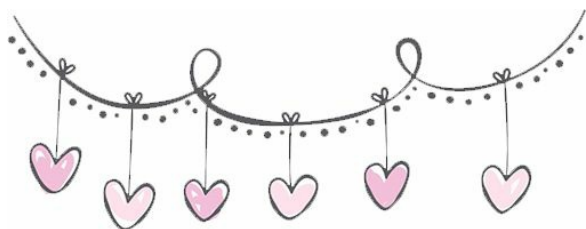
— Até logo, seu policial!

— Até logo, Malu.

Vejo Igor sorrir e então virar-se para o seu carro. Sorrio sem graça. A verdade é que agora, enquanto dirijo para casa, sinto o maior arrependimento de todos.

Por que deixei passar a chance
de beijá-lo?

Em casa, já me arrumando para
dormir torço para que o universo
conspire novamente e eu possa ir
adiante ao invés de fugir.



Capítulo 10

Igor Ribeiro

Conversamos em uma mistura de duplo sentido e as claras. Encantado é pouco para o que estou sentindo. A beleza comum, mas ao mesmo tempo única de Malu me chama atenção. E

hoje, ficou claro que não é apenas suas curvas generosas que me deixam em chamas. É Maria Luana inteira.

Seus olhos, o modo como se abre, me falando sobre sua vida sem o menor cuidado, o modo como sorri, como me olha, como sei que também quer e até mesmo o recuo me deixa ainda mais curioso.

Curioso?

Não. Não estou curioso.

Estou... A quero. Não importa se nos conhecemos poucos, a quero e irei esperar o tempo necessário para tê-la, mesmo que cada encontro termine com bolas azuis e debaixo do chuveiro frio.

(...)

— E a maluca, liberou? —

Heitor fala e o observo sério.

— Com quem porra você tem andando? Sei que quando nos reunimos falamos merda, putaria e tudo mais, mas não assim e não com ela, Heitor! — digo e ele sorri.

— Caiu.

— Do que está falando?

— Caiu de amores pela maluca da ocorrência.

— Não caí de amores.

— Está apaixonadinho, caiu de amores.

— Cara, você fala sério em algum momento?

— Falo.

— Então, por favor, volte a ser a porra do meu amigo, irmão.

— Estou fazendo o meu melhor.

— diz sorrindo e não resisto, acabo

sorrindo.

— Ia beijá-la e então, fugiu.

— Medrosa.

— Acho que foi involuntário,
no entanto, não quero forçar a barra. Se
for para acontecer, irá acontecer e vou
esperar.

— Do jeito que anda vai
demorar...

Pego uma cerveja na geladeira

e jogo em direção de Heitor que resmunga. Sento-me ao seu lado, mas logo levanto-me para abrir a porta para João.

— Parecem dois sem teto. Adoram vir tomar minhas cervejas e falar merda. — digo e João sorri indo em direção a cozinha e sem cerimônia, abrindo minha geladeira e pegando uma cerveja.

— Pedi uma pizza. — diz e senta-se ao lado de Heitor. — Estou cansado. Semana puxada.

— Nem me fale... Tenho duas cirurgias marcadas para a próxima semana.

— Meus plantões foram calmos. — digo.

— Achei que nem te encontraria em casa. Não está

acontecendo uma operação ou algo assim? — João pergunta e encosto-me no sofá.

— Está, mas a quantidade de policiais que voltavam de suas folgas era suficiente. Meu plantão foi longo, seria desgastante demais participar e de todo modo, é uma operação mais simples.

— Esqueci, você gosta da

emoção.

Sorrio.

— Na verdade, gosto da parte de conscientização. Acho horrível ter que prender alguém. Tirar de uma pessoa o que mais prezamos, a liberdade, não é algo feliz.

— Podia ter arrumado um emprego mais tranquilo, não? Sei lá...

— Heitor fala e vai buscar mais uma

cerveja.

— Gosto do meu trabalho.

Amo, na verdade. Mas não é fácil.

— Esse assunto está me deixando ainda mais cansado. Maria tem irmã? Prima? Amiga? — João pergunta.

Batidas na porta faz Heitor caminhar até lá e pagar a pizza.

— Irmãs. Duas.

— Como se chamam? — Heitor

pergunta.

— Maria.

— Todas? As três se chamam Maria? — João questiona.

— Pelo visto, criatividade não era bem o forte dos pais. — Heitor diz e João sorri.

— Maria Luana disse que os pais queriam nomes parecidos. — falo.

— E você explicou para ela

que os nomes são iguais? — Heitor pergunta.

— Expliquei, mas ela disse que se falar isso na frente da mãe, a mulher vira uma fera.

— E são Maria de quê? — João pergunta.

— Não sei. Quer dizer, tem uma chamada Maria Júlia, se não me engano.

— Decorou apenas o nome da sua deusa Maria Luana. — João brinca.

— Se as outras Marias forem iguais a irmã, abençoada seja a genética. Puta mulher gostosa. — Heitor fala e o olho bravo. Ele sorri. — Viu isso, João? Apaixonadinho.

— Cala a boca, Heitor, ou vou calar por você. — digo e ambos sorriem.

— Já era. — João fala e joga o controle da TV nele.

— Aproveita e liga essa merda, deve estar passando algum jogo, em algum canal, em algum lugar do mundo.

— É muito folgado, mesmo.

— Estou na minha casa, tomando a minha cerveja, no meu sofá, vendo jogo na minha TV, comendo...

— A pizza que eu paguei. —

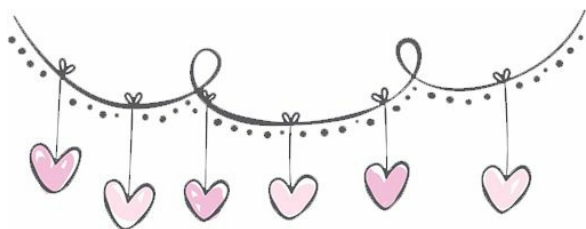
Heitor diz.

— Resumindo... Você está se achando. — diz João.

— Cala a boca e presta atenção no jogo. — digo e sorrio.

João e Heitor são folgados, mas os melhores amigos que poderia ter. E não trocaria os momentos que tenho com eles, por nenhuma outra putaria, na verdade, só trocaria apenas para estar

com ela.



Capítulo 11

Maria Luana

É tarde quando entro no quarto em silêncio e deito-me em minha cama.

— Indo dormir sem tomar banho, Malu? Não tem vergonha? — a voz de Maju me assusta e pulo.

— Você é louca? Que porra,
Maria Júlia! Não dorme? — reclamo e
sento-me.

— Durmo. Apenas tenho sono
leve. Vida de hospital. Educamos o
ouvido para o menor dos ruídos. Onde
estava até agora?

— Jantando.

— Sozinha?

Sorriso.

— Com ele? — pergunta.

— Com ele. É lindo, inteligente e me ouviu tagarelar como uma louca. Falamos sobre tantas coisas e ainda se mostrou engraçado, disse que era ainda melhor sem farda.

— Do tipo, pelado?

— Sim.

— Convencido!

— Beijou? — a voz de Maria

Eduarda nos assusta.

— Não. — digo e Maria Júlia geme.

— Saiu duas vezes, conversaram por mensagens e não o beijou? — minha irmã mais nova pergunta e me sinto idiota.

— Hoje quase aconteceu, mas então recuei. Não sei o que aconteceu, eu queria, ele também. Ele estava lá,

bem diante de mim, com os olhos brilhando, morrendo de vontade, tocando meu rosto, me olhando como se nada mais existisse e então recuei.

— Burra! Duas vezes com o gostoso e não beija. Depois reclama. — Maju solta como se o tivesse visto.

— Se assustou? — Madu pergunta, ela é pura alma e emoção.

— Um pouco. Tudo com ele é

tão natural. Me sinto tão livre e tão... eu, quando estou com ele. É intenso, mas ao mesmo tempo é leve, queria beijá-lo. Me arrepia inteira.

— É paixão. — Maju diz e sorrio.

— Não sei, mas o desejo. Isso é certo. Muito certo.

— Na próxima, pule em cima do policial. Podem até usar as algemas

na hora do...

— Ah, meu Deus! — digo e

Madu sorri.

Suspiro e volto a deitar.

— Não enrola, está indo dormir sem tomar banho. — Maju volta a falar e sorrimos.

— Apenas hoje, Maju. Estou realmente cansada. O dia foi longo.

— Saiu como um furacão atrás

do Miguel. — Maria Eduarda diz e se mostra atenta a tudo. Apesar de estar sumida ela é uma menina doce e atenciosa.

— Fui falar sobre o futuro.

— Sobre o sonho que plantei no coração dela, Maria Eduarda. Lembra que te contei? Acho que nossa irmã pode muito bem fazer uma clínica só dela.

— Lembro. O que ele disse,
Malu? — Maria Eduarda pergunta
curiosa.

— Que me daria o dinheiro,
mas vou pagar. Preciso encontrar um
bom lugar. Algo centralizado, mas muito
bem localizado.

— Acho que posso falar com
um amigo. — Madu diz e sorrio.

— Adoraria ter sua ajuda. —

digo e ela sorri.

— Viu, Maria Júlia, não é apenas você que dá boas ideias! — diz e Maju sorri em alto e bom som.

— É ciumenta essa minha caçula. — Maju brinca.

Depois de um longo tempo, conversando e rindo decidimos dar a madrugada por encerrada. Fecho os olhos porque estou realmente cansada.

No entanto, ao invés de logo cair no sono, é nele que penso, é ele que vejo.

Igor Ribeiro tem habitado meus pensamentos.

(...)

Acordo tarde e percebo que já estou sozinha no quarto. Maria Eduarda já deve ter ido para a escola. Suas aulas

começam cedo e Maria Júlia, apesar de não estar de plantão, já não está no quarto.

Desço e entro na cozinha, mamãe está cozinhando o almoço, Maria Júlia está lendo. Sento-me em frente à minha irmã e pego um pouco de suco.

— Acordou! Achei que passaria o dia na cama. — mamãe diz e sorrio.

— Acordei, mas logo vou sair.

— Sua irmã está dando detalhes dos seus novos passos na vida profissional. Gostaria de ouvi-los. — diz e olho para Maju que dá de ombros.

— A Maria Júlia acha que consigo, que posso abrir a clínica e conseguir bons clientes.

— É focada, inteligente. Consegue.

— Obrigada, mamãe.

— Nada de corpo mole, Maria Luana. Se quer que dê certo, é preciso foco e ação. O que já tem planejado? Conversou com seu pai sobre legislação? Precisa de apoio? Tem dinheiro suficiente?

— Ainda não fiz um plano de ação, mas já tenho detalhado o que desejo. Miguel tem me ajudado, Maju

está me dando apoio moral. Não conversei ainda com o papai e tenho dinheiro suficiente.

— Tem dinheiro para abrir uma clínica e nunca quis investir em um imóvel?

— Mãe, desse jeito começo a achar que nos quer longe. — Maju diz.

— Maria Júlia, a gente tem filhos, educa, eles crescem e desejamos

que vivam suas vidas, sigam seus rumos,
construam suas famílias. É o ciclo da
vida.

— Estamos no século vinte e
um. Não existe um modelo ideal de vida
a ser seguido.

— Filha, foca na sua leitura.

— O que está lendo? —
pergunto e mamãe bufa, voltando a
cuidar da cozinha.

— Ah, um romance que achei nas suas coisas.

— Hm...

— Quê? Leu e não gostou?

— Larguei.

— Tão ruim assim?

— Na verdade não. Parei.

Miguel contou tudo. Menina pobre que não é aceita na família do namorado. O cara morre e a deixa sozinha, grávida. O

médico que faz o parto parece se interessar pela mocinha sofredora e então fim.

— Puta que pariu! Você me contou toda a história?

— Não, te contei o que Miguel me contou, mas... Ela o beija?

— Ela engravida, acha mesmo que não o beija? — diz irônica.

— E se ela for como aquelas

prostitutas de filmes que não beijam na boca?

— Não acredito que pensou nisso.

— Sei lá, pode acontecer.

— Podia acontecer das duas me ajudarem na arrumação da casa. —
mamãe diz entrando na conversa.

— Sinto muito, mamãe, mas como a senhora disse, um negócio para

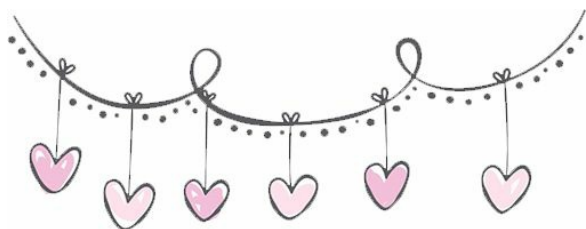
ter sucesso precisa de ação... Vou fazer o esboço da minha clínica. — digo.

— E você Maju? — pergunta e minha irmã sorri.

— Lembrei que tenho um caso do hospital para estudar. Sinto muito.

Saímos da cozinha e ouvimos a mamãe reclamar. Sorrimos e enquanto saio para ir encontrar o Miguel, Maju sobe para o quarto. Mando mensagem

para o meu amigo e finalmente sigo para
esboçar meu futuro.



Capítulo 12

Maria Luana

Cheguei na casa de Miguel e corri direto para seu quarto. Estava atrasada, mas feliz. Entro sem bater e o vejo novamente de cueca. Miguel está procurando a roupa.

— Você sabia que já está tarde para estar apenas de cueca? — digo e ele começa a se vestir.

— E você sabia que se existe uma porta e ela está fechada, deveria bater? Eu poderia estar fodendo agora e ao invés de ver minha cueca veria minha bunda.

— Não poderia, você não faz aqui. A tia ia criar expectativas, tudo o

que você não quer.

— É tem razão! Vamos trabalhar. Quanto mais cedo terminarmos, mais cedo posso ir encontrar a Maluzinha.

— Maluzinha?

— Uma delícia que conheci outro dia. Me mandou mensagem perguntando o que fazer em uma noite sozinha.

— E você vai mostrar o que fazer?

— Eu vou fazer e ela vai amar.

— Cuidado para não parar na delegacia de novo.

— Maluzinha é inteligente.

— E Alaninha é burra?

— Você está transando? Porque eu acho que não. — diz.

— Vamos trabalhar. — Mudo

de assunto.

— A primeira coisa que precisa saber é: precisa desejar ter lucro ou passará a ter prejuízo. Sei que ama cuidar de animais, mas é um negócio e é ele que irá te dar um salário e depois o imóvel que a tia tanto quer e a independência financeira. Se não der lucro, estará perdendo em breve.

— Entendi.

— Precisa pensar em um nome bacana, algo forte, bonito e atrativo. Um diferencial. Pessoas amam que seus animais sejam bem cuidados, gostam de um ambiente agradável e confortável. Gostam de gestos simples, mas afetivos. É nisso que precisa seguir. Um lugar bonito, com bom material, mas com coração. É um negócio, mas o cliente não precisa vê-lo assim.

— Certo.

— Precisa de pessoas capacitadas e sensíveis. Que realmente gostem da área.

— Já tenho.

— Com quantas pessoas deseja começar? Precisa saber que será a responsável pelo salário e toda despesa de pessoal, manutenção e gastos extras.

— É assustador.

— Mas pode dar certo.

Enquanto continua falando, Miguel vai esboçando meu negócio e sinto um pouco de medo. Do desconhecido, do novo. Mas também estou ansiosa, com vontade de começar e de fazer dar certo.

— Pronto acabei. — diz e me entrega o primeiro esboço. — Está detalhada com os custos, a ideia inicial

de quanto pode ir pagando e de como divulgar. No início pode ir fazendo, mas é bom alguém especializado em mídia. O seu pai pode te indicar alguém para ir falando sobre a causa animal.

— Você é o máximo! Eu te amo!

— Eu também te amo. Quer ir em uma casa noturna comigo?

— Encontrar Maluzinha?

— Sim, mas pode chamar o policial. Vi que se deram bem no bar. E Maria Júlia disse estão conversando.

— Estão fofocando sobre mim?

— Estamos. Não queremos que se machuque.

— Não vou.

— Se machucar ou ir?

— Me machucar. Mais tarde te confirmo se vou.

— Vai. Eu passo para te buscar.

E sexta à noite vamos para a casa da praia. Se quiser chamar o policial, vai ser bom ter um segurança contra as possíveis ameaças.

— Você não toma jeito, não é?

— Eu não quero tomar jeito.

— Sei... Preciso ir, mas confirmo tudo.

Miguel finge que tudo bem, mas

todos sabemos que fazemos todas as vontades dele, assim como ele faz as nossas.

Em casa, já pronta, espero Maria Júlia se arrumar. Maria Eduarda fugiu direto do trabalho, deixando Maju chateada e me fazendo pensar sobre por que ela nos deixa de fora do que tanto faz?

No carro, Miguel e Maju

começam a falar sobre Igor. Ela falando que estou perdendo tempo e que deveria me arriscar mais e ele dizendo que preciso respeitar o meu tempo, mas que também era chato ficar na seca.

Estacionamos e Maju vira-se para mim.

— Ele vem? — pergunta curiosa.

— Não chamei. — digo e ela

geme frustrada. — O quê? Não temos nada, acho que não era o momento de chamá-lo e não sei...

— Está fugindo. Para, se está atraída se entrega. Que mal tem?

— Maluzinha chegou. — Miguel diz e saímos do carro.

Entramos na casa noturna e Miguel some. É rápido. Maju, senta-se ao meu lado e olha o cardápio, sem

fome, decido que preciso dançar. Puxo minha irmã pelo braço e paro apenas no meio da pista. A música latina começa a tocar e sorrimos. Nossos corpos começam a mover. A energia toma conta e nos movemos conforme o ritmo. Suamos, sorrimos, nós nos entregamos.

A saia curta sobe um pouco quando me movo. Algumas músicas tocam e então, decido que é hora de

parar. Viro-me para ir até o bar e o vejo.
Olhando-me atentamente.

Igor está sério. Caminho até onde está e seu olhar passeia por todo meu corpo, fazendo-me suar ainda mais. Paro em sua frente e ele suspira. Sua mão vai até minha cintura e a outra toca delicadamente a pele exposta da minha coxa. Suas pernas se abrem e sou puxada para dentro delas.

— Devia ser proibida de dançar assim. Ou pelo menos em público, Maria Luana.

Sorriso.

— Gostou? Se soubesse que estava me olhando, teria caprichando um pouco mais.

— Se eu gostei? Puta merda! Foi sensual. Deixou-me de pau duro só de te olhar e então caminha com essa

cara de inocente até aqui.

Diz e fico surpresa. Não sou idiota para achar que ele não se sente atraído, também me sinto, mas nunca demos nenhum passo, não tão claro.

Mordo os lábios e seus olhos se prendem no gesto. Sinto-me queimar inteira e acho que finalmente entendo que é inevitável, no entanto, quando vou dar o passo que tanto tive medo, sou

parada por Maria Júlia, que chega e senta-se ao lado de Igor.

— Sumiu e não percebi, Maria Luana. — diz e então o olha.

— Igor, essa é Maria Júlia, minha irmã. — falo e ela sorri.

— Igor, o “seu policial”? Estava mesmo querendo conhecê-lo. Se quer um conselho precisa agir. Se não tomar a iniciativa irá morrer esperando

a Malu e terá um caso grave de bolas azuis. Meu conselho? Agarra essa menina.

— Maju... — digo e ela se cala.

— Desculpa, eu falo demais.

— Ouvi muito sobre você. —

Igor diz e saio da posição em que estava e peço uma bebida.

— É... Nós também ouvimos

muito sobre você.

Ele me olha.

— O Miguel está pensando em um fim de semana na casa de praia, por que não chama seu amigo, Malu?

Ele continua me olhando e minha irmã sorri.

— Você está livre, no fim de semana, seu policial? — digo e Maju sorri.

— Posso me organizar e ficar.

— Então combinado. Fará companhia para minha irmã. — Maria Júlia diz. — Caralho! Aquela que é a tal de Maluzinha? O Miguel é muito escroto mesmo. Essa insana é a esposa do diretor comercial do hospital. Se isso vaza o tio mata o Miguel. Eu vou salvar esse menino da cobra que é essa mulher. — completa e viro-me para olhar a

mulher. Maluzinha é bonita, está toda sorridente, mas seu sorriso morre assim que Maria Júlia se aproxima.

— Seu tio deve ter uma boa equipe para gerir crise de imagem. Seu primo vive aprontando.

— Ah, não tem. E o Miguel, bom, ele não é tão problemático.

— Imagine se fosse. — diz e logo Miguel e Maju estão de volta.

— Idiota é isso que você é. Já te falei que precisa checar antes as piranhas com quem sai.

— Maria Júlia, eu já disse que não sabia e outra não vou ficar fuçando a vida das mulheres se o que eu quero é apenas levá-las para a cama. Se ela é casada e se passou por solteira a cachorra é ela, não eu.

— Podia ferrar meu emprego.

— Por que vocês estão sempre preocupadas com isso? Minhas ações são minhas e não fere a imagem de vocês no trabalho.

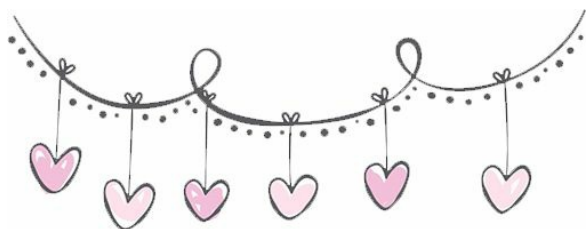
— Sério? Você acha mesmo que eu continuaria no hospital se o diretor comercial filho da puta descobrisse que a querida mulher dele estava louca para dar ao meu primo? E pior... acha mesmo que eu ficaria se

você a levasse para a cama e ela me visse por lá?

— Se seguir esse pensamento já está demitida. Você foi até lá e me arrastou como um moleque e ela viu. Te reconheceu.

Os dois continuam discutindo. O momento com Igor foi perdido e agora, nos resta ouvir minha irmã e meu melhor amigo resmungar o quanto

estragamos suas noites.



Capítulo 13

Igor Ribeiro

Se Malu já me tentava, hoje ela me levou ao limite. Vê-la dançando, tão livre e tão sensual acabou comigo. E quando caminhou até onde estava, me olhando firme, quando me tentou com as

palavras, me enlouquecendo, decretou o meu fim. Eu não conseguirei resistir muito.

No entanto, sua irmã chegou esfriando o clima e então terminamos a noite ouvindo Maju reclamar sobre como Miguel é irresponsável. O que particularmente discordo. Ele é solteiro, vive a vida como bem entender.

Em casa, entro no banheiro

para um banho frio e lembro da fala da Maju. Ou tomo atitude ou realmente terei um caso grave de bolas azuis.

Nunca me senti assim.

Envolvido rapidamente, sem conseguir pensar em qualquer outra, tão... atraído.

Cansado pela noite longa, jogome em minha cama. O celular notifica uma mensagem.

Maria Luana: Desculpa pela Maju.

Ela é impulsiva e fala demais.

Sorrio, falar demais deve ser uma característica das irmãs.

Você: Sem problemas. Foi divertido.

Maria Luana: Não deve ter sido divertido ouvir minha irmã falar de caso grave de bolas azuis. Não quero que se prenda a uma expectativa.

O que porra ela estava falando?

Você: Hm... Sinto informar, mas o caso

**já acontecendo há um tempo e não
estou preso a expectativas, estou
preso a você. Está no mesmo ponto?
Sente a mesma atração? O mesmo
desejo? Se disser que sim, sei que
estou fazendo o certo.**

**Maria Luana: Sinto muito recuar
sempre.**

**Você: Não ia recuar hoje. Vi nos seus
olhos o desejo, mas tudo tem um**

tempo. O tesão que sinto por você não parece querer sumir e não quero que suma.

Maria Luana: Não vai te atrapalhar o fim de semana? Gostaria realmente que fosse.

Você: Tenho alguns favores a pedir.

Maria Luana: Como faremos?

Normalmente, vamos com o Miguel.

Posso te passar o endereço, mas é

fácil de achar.

Você: Você podia ir comigo.

**Maria Luana: Acho que não
chegaríamos lá.**

Sorriso.

Você: É... talvez não!

Maria Luana: Vou te deixar dormir.

Vai que sonha comigo?

Você: Cuidado com o que pede!

Maria Luana: Se sonhar me conta.

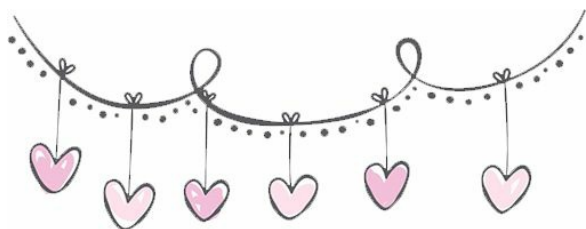
**Você: Tem certeza que gostaria de
saber?**

Maria Luana: Nos mínimos detalhes.

**Você: Estou esperando essa coragem
pessoalmente.**

Maria Luana não responde, mas eu adoraria vê-la tão corajosa assim pessoalmente. Respeito seu tempo, sei que está com organizando sua clínica e que o medo a faz recuar, no entanto...

— Caso grave de bolas azuis.



Capítulo 14

Maria Luana

O restante da semana passou de forma rápida. A ansiedade em ter Igor conosco durante todo o fim de semana mal me deixou dormir. Falei tanto nesse momento que Maju e Madu já não

aguentavam, no entanto, Madu estava curiosa para conhecê-lo.

Relacionamentos nunca foram meu forte. Tive apenas um namoro longo, Maju sequer oficializou os rolos que teve e Madu nunca namorou, mas também não é tão aberta sobre relacionamentos conosco. Ela prefere nos ouvir e quando a questionamos, diz estar focada em outras áreas da vida.

Com a mala pronta, sento-me no sofá esperando Miguel chegar. Minhas irmãs saem da cozinha com salgadinhos feitos pela mamãe e dizem que é para comermos no caminho, mas ansiosa como estou não conseguirei comer. Pareço uma adolescente, primeiro fugindo e então com medo de estar com ele.

— Céus! — resmungo e ouço a

porta se abrir. Miguel entra e joga-se ao meu lado.

— Tia, tem café? — pergunta e minha mãe sorri.

— Fiz algo para você.

— Engraçado, quando chego na sua casa e como, você pergunta se aqui não tem comida, pelo visto na sua casa também não tem.

— Não era para estarmos na

estrada? — Madu pergunta e senta-se no lugar que Miguel estava.

— Vai dizer isso a mamãe. Ela está mimando o “menino”.

— Sejam adultas. Vocês parecem crianças quando se reúnem.

— Criança que faz criança, tia.

— Miguel diz e irrita a mamãe.

— As Marias que deem uma de doida e cheguem aqui grávidas. Acha

mesmo que criei filha para engravidar e ficar na minha casa Miguel? Aproveite e se cuide também, sua mãe vive reclamando sobre você viver fugindo do rumo. Já não se fazem mais jovens como antigamente.

Sorrimos.

— Vamos, antes que a tia marque casamento para um de nós.

— Para casar vocês

precisariam de alguém e nem isso mantém. Fogem.

Ouvimos a mamãe e continuamos sorrindo.

A viagem até a casa de praia do pai do Miguel dura uma hora e meia. Uma hora e meia de brincadeiras e uma hora e meia de ansiedade. Miguel falando que não poderei dividir o quarto com Igor porque não é justo eu ser a

única acompanhada e que ele irá ficar bem em um quarto e eu em outro.

Entramos na casa e sigo até o quarto que sempre divido com minhas irmãs. A casa é grande, mas confortável. Com uma piscina linda e decoração simples, aconchegante é o mais ideal para descrevê-la.

Acabo de organizar minhas roupas, entro no banheiro, tomo um

banho e visto um biquíni. Estou saindo do quarto quando Maju entra.

— Seu policial chegou.

— Ele é lindo. — a voz de Madu soa no quarto e a vejo entrar. Acabo sorrindo.

Coloco o vestido leve e pego o livro que trouxe para ler.

— Maria Luana deixa esse livro aí. O policial não viajou durante

uma hora e meia para te ver com um vestindo cheio de florzinhas e um livro na mão. Tira esse vestido, coloca um short curtinho e leve, vai sem camisa mesmo, deixa o livro para ler a noite se não puder fugir para o quarto dele. Anda, Malu. O que ainda está fazendo aqui? — diz e sorrio.

Saio do quarto e logo o vejo. Igor está na sala com uma mochila e

sorri ao me ver.

— Posso guardar para você.

Melhor, deixa te mostrar o quarto que ficará. — falo e caminho até o quarto que Miguel deixou para Igor. — É um dos mais lindos. A visão a noite é... perfeita. — falo e abro a porta do quarto.

A porta de vidro mostra o ir e vir das ondas e a noite mostra o brilho

das estrelas.

— Definitivamente o mais lindo. — digo parando em frente a grande janela de vidro.

— A noite aqui deve ser incrível.

— Quando o céu está cheio de estrelas é perfeito. Chorei uma vez para ficar aqui. Sempre fico com minhas irmãs no quarto do outro lado, a vista de

lá é para a piscina. Dá para ver a praia, mas não o céu.

— Vocês sempre vêm aqui?

Sempre estão com o Miguel.

— Crescemos juntos. O papai trabalha para o pai do Miguel, se conhecem desde sempre e somos como uma grande família feliz. Nossas mães se unem para dizer que estamos passando da hora de sair de casa e

assim somos nós.

— É muito mais do que isso. —
diz e sinto suas mãos em minha cintura.
— É linda, inteligente, dedicada.

— Não me conhece bem. Não
sabe o quão dedicada posso ser. — digo
olhando o mar e sorrio.

— Maria Luana... não sabe
como me tenta, como me põe em
chamas.

— Ah, seu policial. Não sabe como me tenta, como me põe em chamas. — falo e o sinto muito mais próximo.

— Eu poderia te mostrar Malu. Talvez a noite, quando o céu tiver estrelas, poderia te levar até elas e então...

— Vocês irão agora para a piscina? Miguel está começando a fazer

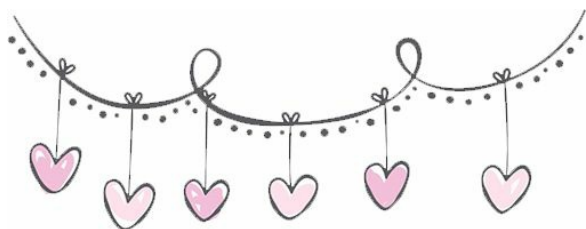
o churrasco, mas sabe bem como ele é Malu, vai queimar tudo e não vim para comer torresmo. Preciso que vá ajudá-lo. — Ouço Madu e suspiro.

Viro-me para olhar minha irmãzinha e ela então percebe o que atrapalhou.

— Eu... — começa — sinto muito. — completa quando passo por ela sorrindo.

Ah, Madu se soubesse

realmente o que atrapalhou!



Capítulo 15

Maria Luana

Chego na piscina e o cheiro de queimado toma conta. Para alguém que já faz churrasco há séculos, Miguel é péssimo!

— Joga esses pedaços fora.

— Aponto para a carne queimada e ele me olha feio. — Ninguém vai comer, acho que até o lixo vai morrer quando você jogar.

— Engraçadinha. Por que não estava aqui quando comecei?

— Estava mostrando o quarto que deixou para o Igor. — digo e Miguel olha para o policial que caminha até nós.

— Seu quarto não será o mesmo que o dele. — diz e sinto vontade de revirar os olhos.

Quem Miguel acha que sou? Uma virgem inocente? Quem ele acha que é? A mamãe?

— Miguel, se eu quiser transar com ele, farei isso. Independentemente de ser naquele quarto maravilhoso. Eu poderia usar a piscina. Teria as estrelas

e o amor como testemunhas.

— E desde quando você tem fetiche em lugares abertos? Não ouse estragar a água da minha piscina.

— Piscina da casa dos seus pais.

— Ou seja, ainda pior. No mais, acho que está até precisando. Nunca foi tão chata. — resmunga e sorrio virando a carne.

Igor chega até nós e Miguel nos olha. Ele vira-se tirando a camisa e sei o que deseja. Tomar banho e sol enquanto a comida fica pronta.

— Nem pensar Miguel. Pode voltar. Vai aprender a deixar a carne no ponto. Não quero ser sempre a pessoa que fica aqui. Nunca aproveito.

— Mentirosa do caralho! Quando vem, fica deitada na rede lendo

ou como vocês dizem, colocando o bronzeado em dia.

— Você é tão bobo. Presta atenção. — digo e então ele me ajuda.

Igor também vai nos dando dicas e no fim, deixamos alguns pratos prontos. Finalmente vamos para a piscina. O sol brilhando e água nos chama. Vejo Igor tirar sua roupa e calor me toma. Ele pega uma cerveja e bebe

até que me vê observando-o.

Casualmente, tiro o vestido “florido” que Maju tanto reclamou e os olhos do meu policial se enchem de desejo.

Suas mãos vão para meu rosto, tocando suavemente até chegar aos meus lábios. O gesto deixa um rastro de fogo em minha pele. A intensidade do seu olhar, do desejo que sinto é assustador. Dou um passo para traz e corro em

direção da piscina. Jogo-me na água que ainda está fria e o vejo.

Miguel, Maju e Madu me olham como se eu fosse idiota.

Igor caminha até a piscina e entra sem tirar seus olhos de mim. Quando ele está a apenas um passo sinto suas mãos em minha cintura e sou puxada para seu peito.

Minhas pernas tremem e não é

de frio. A água esquentava ou ao menos sinto o meu redor esquentar.

— Até quando irá fugir? — pergunta e cola ainda mais meu corpo ao seu, fazendo-me gemer e então sua boca cola a minha.

É quente. O beijo mais quente que já ganhei em toda a minha vida. Sua língua exige por espaço e dou sem medo. Minhas mãos sobem do seu

pescoço para o cabelo que embora curto, me permitem puxá-lo.

Suas mãos agarram minha cintura com mais força, como se pudesse nos colar ainda mais. Sinto a dureza em minha cintura e gemo alto. As mãos apertando minha bunda me fazer desejar que nada fique entre nós.

Estamos tão envolvidos, tão entregues ao momento que não vejo

Miguel se aproximar.

O cheiro de cerveja invade meu nariz e sinto o líquido escorrer por mim. Igor para o beijo e o vermelho dos seus lábios me faz sorrir, então lembro que Miguel jogou a porra da cerveja em nós e viro-me brava.

— Você jogou cerveja em mim?

— Não se separavam. Eu disse que não podia dar na minha piscina.

— A gente não estava... —
começo.

— Não seria bacana você rever
o modo como se refere a ela? — a voz
de Igor soa forte e toco sua cintura
indicando que está tudo bem.

— Qual é, policial? Todo
mundo aqui transa. Menos na piscina
onde irei entrar. Então relaxa, e, por
favor, deixem o fogo para mais tarde.

— Vai deixar minha irmã trocar de quarto? — Madu diz e suspiro. Igor me puxa para si e só entendo o motivo ao senti-lo ainda duro contra minhas costas.

— Oh, seu policial, pode largar minha irmã. Já deu para baixar. — Maju diz e não consigo me conter. Sorrio e levo um tapa na bunda. Nado até a escada e saio da piscina para comer.

— Demorou, mas pegou fogo!

— Maria Júlia diz e bebo um pouco de suco.

— Não quero nem imaginar o quanto essa casa vai pegar fogo quando vocês estiverem sozinhos.

— Não vai acontecer nada. Não aqui. Eu não quero fazer assim.

— Depois dessa cena você vai deixar o cara de pau duro e bolas azuis?

Eu não entendo você. — Maria Eduarda diz e a observo.

— Ah, Madu, acho que você, mais do que ninguém, me entende.

Vejo seu sorriso e sei que sim. Minha irmã caçula é de nós três a mais romântica e doce. Ela é gentil, educada e acredita no amor com intensidade. Sei que já viveu seus momentos de entrega a paixão, mas nada que a fizesse se

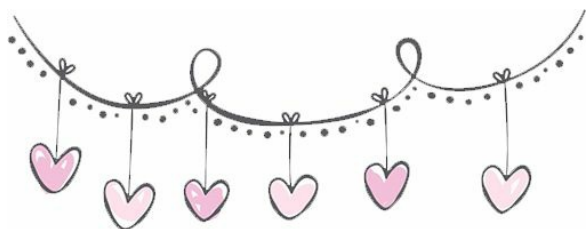
entregar por inteiro. Seu coração está sendo preservado para o homem dos seus sonhos. E, embora veja o amor de maneira um pouco mais realista a admiro por isso. Madu merece um príncipe.

Deito-me na espreguiçadeira para tomar um pouco de sol. De olhos fechados penso tipo de amor que quero. Quero algo intenso, mas calmo. Quero

amor, paixão e tesão tão misturados que não há começo, meio e fim. Eu quero amar com intensidade e quero entregas verdadeiras.

Nunca tive os três juntos. Já tive paixão, já tive apenas tesão, mas Igor tem o poder de me mostrar que posso sim ter os três. E embora ainda não o ame, acho que estou envolvida a ponto de dizer que um dia posso sentir

exatamente isso.



Capítulo 16

Igor Ribeiro

Como pude me desligar dessa forma? Mais um pouco e a teria ali. Numa piscina aberta, com pessoas passando na praia e com pessoas ao nosso redor.

Beijá-la trouxe o descontrole.

Ela é fogo puro. Nunca senti a intensidade que sinto com ela. Nunca quis tanto uma mulher como a quero. E tê-la será o maior prazer que irei experimentar, afinal, no pouco tempo que passei com ela o desejo intenso que me provoca, o modo como me deixa louco por ela. É, jamais senti algo assim.

Durante esse tempo, percebi ainda a personalidade de todos. Maria Júlia é intensa, Maria Eduarda calma e minha Maria Luana é encantadora. Já Miguel é um amigo cuidadoso, seu jeito despojado faz parecer que é indiscreto, mas a verdade é que ele as ama. Dedica atenção e cuidado as três irmãs, embora agora não pare de mexer no celular.

Diferentes, mas tão unidos. São

o reflexo de uma família que realmente entende o sentido da palavra e que não é formada apenas por laços sanguíneos. Mas, a verdade é que a vejo e apenas a ela. Maria Luana tem um pouco de medo de se entregar, no entanto, há um desejo que a faz arriscar-se e isso é apaixonante.

Apaixonante?

Desde quando me refiro a

entregas assim?

Pouco me importa. Esperaria o tempo que fosse. Esperarei o tempo que for. Por ela.

Malu é como uma deusa. Ela seduz sem intenção, mas a forma como a quero, há mais de mil intenções. Suspiro ao vê-la deitar-se para tomar sol e ler. A mulher fujona dá lugar a leitora expressiva. Observá-la me traz

calmaria.

— Linda, não é? Minha irmã é linda. um pouco maluca, mas...

— Perfeita. — falo e Maria Júlia me olha.

— Temos um homem apaixonado aqui. — diz e não tiro os olhos da mulher que me encanta.

— Talvez.

— Ela é especial. Muito.

Então, cuida bem. E age. Ela pode fugir quando as coisas saem um pouco do controle dela.

— Percebi. Mas, não quero assustá-la. Quero que tudo aconteça no tempo certo. Já percebi que ela é intensa, porém precavida.

— Ela é. Diferente de mim, a Maria Luana se preocupa mais. Acho que por ser a mais velha, ela sente que

precisa ser responsável. Já a Maria Eduarda é a mais calma e doce. Enquanto eu colocava o mundo de cabeça para baixo e a Malu o consertava, a Maria Eduarda apenas assistia numa calma invejável tudo voltar ao normal. É fujona igual a irmã mais velha.

— São diferentes, mas unidas.

— Posso pedir um favor?

— Depende.

— Como faço para investigar a minha irmã? A Madu está fujona demais. Nunca nos conta o que faz, tenho um pouco de medo.

— Confia nela?

— Totalmente.

— Acha que está fazendo algo errado, ilegal?

— Não. Nenhuma de nós

faríamos algo assim.

— Pelo que vi, foram bem-educadas, são unidas, intensas a sua maneira e percebi que das três é a mais curiosa. Se confia nela e sabe que ela não faria nada ilegal ou errado, não vejo como ser medo. Ciúmes, curiosidade por não saber o que ela está fazendo? Talvez sim.

— Eu sei. Só, não consigo me

manter tão por fora. Embora eu fosse a Maria que adora colocar fogo no mundo, há um lado maternal que me invade e me faz...

Se cala.

— Entendo.

— Acho melhor ir até a Malu, ou não terá nada de beijos.

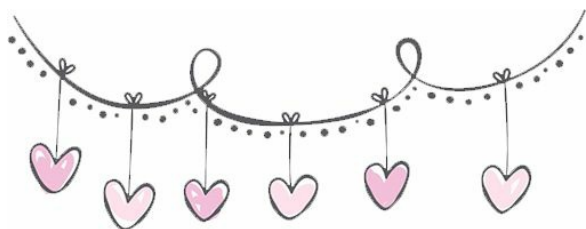
Sorrio ao vê-la mudar de assunto.

— Você me lembra alguém. —
digo e ela vira-se para mim. Seus olhos
se abrem em curiosidade.

— Quem?

— Heitor. O nome dele é
Heitor. E vocês são completamente
iguais.

Digo e caminho até a mulher
que está aos poucos roubando meu
coração.



Capítulo 17

Maria Luana

Os dias se passam, os planos para a clínica se solidificam. Maria Eduarda realmente me conseguiu uma boa localização. Já consegui bons produtos, duas pessoas para cuidar dos

bichinhos e dar banhos, além de conseguir finalizar como poderia ofertar “planos de saúde” para os pets e pacotes para organizações que cuidam de animais abandonados.

O nome foi escolha da Maria Júlia. Falta pouco e logo a clínica estará em pleno funcionamento. Estou ansiosa, com medo e feliz. Feliz como nunca.

Sempre ouvi dizer que quem

tem sorte no jogo, tem azar no amor, mas a verdade é que me sinto sortuda em todas as áreas da vida. O novo desafio profissional tem tudo para ser um sucesso e meu coração...

Suspiro.

Igor Ribeiro é muito mais especial do que imaginei. Paciente, atencioso, ele vem ganhando seu espaço em minha vida. E apesar de termos nos

vistos pouco desde a ida à praia, conversamos muito por telefone e mensagem. Embora poucos, sinto falta dos seus beijos. Do modo como apenas com sua boca ele me acende, me entende, me faz desejar mais. Muito mais do que seus beijos, muito mais do que sexo.

Olho a decoração da clínica e um arrepio toma minha pele. O cheiro

delicioso do perfume que já conheço me faz sorrir.

— Está tudo lindo. Essa será a clínica veterinária mais linda da cidade.

— a voz forte do meu policial soa e viro-me para ele.

— Falta tão pouco, Igor. Duas semanas e então poderei começar.

— Está ansiosa? — pergunta.

— Estou, mas além de ansiosa,

estou feliz. Estava pensando nisso. Em quanto estou feliz e me sinto sortuda. Estou começando algo novo na vida profissional e meu coração, ele está... — calo-me por não achar a palavra que defina o que sinto por ele.

— Eu sei. Sinto o mesmo. — diz e toca meu rosto. — É tão linda. Acho que chegou o momento de decidirmos se iremos viver isso ou

seguiremos amigos.

Sorrio.

— Não posso ser sua amiga. —
digo e o vejo ficar tenso. — Não posso
porque estou apaixonada. Não posso
porque sempre que te vejo eu quero te
beijar, e quanto te beijo, eu quero
apenas tirar todas essas barreiras que
nos separam. — falo apontando nossas
roupas. — E não posso ser sua amiga,

porque te ver com outra seria como quebrar meu coração.

Confesso e ele sorri.

— Estou mais do que apaixonado por você. — diz e me puxa para seus braços.

O beijo começa calmo, mas logo pega fogo. Sua língua na minha me arrepia. As mãos apertando, tocando, querendo. Céus! Eu viveria assim para

sempre. Jamais desejei alguém como o desejo. Jamais pensei que encontraria por acaso o homem que faria minhas pernas ficarem bambas, meu coração ficar acelerado e meu corpo... ah, meu corpo já não me pertencia.

Eu era calor, fogo.

Eu estava entregue. Eu queria tudo. Tudo dele.

Por um instante paro o beijo e o

puxo para meu consultório. Devo estar louca em usar o meu consultório para isso, mas pouco me importa.

Entramos e logo sua boca cola na minha. É maravilhoso. Nunca fui beijada dessa forma, nunca um beijo representou tudo. O afasto e começo a tirar minhas roupas.

— Tem certeza? — Igor pergunta e continuo tirando tudo.

— Sim.

— Aqui? — Olha ao redor procurando um lugar confortável.

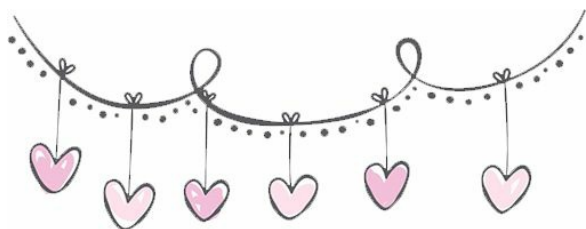
— Porra, Igor, aqui. — digo cheio de desejo e ele volta-se para mim.

Suas roupas saem rapidamente.
Nossas bocas voltam a se encontrarem.
Nossas mãos agora em contato direto com a pele, nossas bocas, os sons.

Minha mesa é o lugar mais

perto e acessível e é para lá que vamos. Intenso. É a única forma de descrever o que estamos vivendo. Seus movimentos, os gemidos que saem de nossas bocas e os beijos apaixonados. Eu batizaria minha sala quantas vezes pudesse, eu me entregaria a ele sempre. Com prazer.

Muito prazer sempre.



Capítulo 18

Igor Ribeiro

Aos poucos nossas respirações voltam ao normal e a olho. Maria Luana está suada e completamente encantadora. Linda. Apaixonante. Toco seu rosto sabendo que a partir de hoje me tornarei

repetitivo, pois jamais me cansarei de dizer o quanto ela mexe comigo, o quanto a acho a mulher mais linda que cruzou o meu caminho, mas acima de tudo, o quanto ela me encanta. Sem esforço algum.

Malu é natural. Fala sobre tudo, não se importando com o que irão achar. Enquanto a observo se vestir, me pergunto se é cedo demais para afirmar

que ela é a mulher da minha vida.

— Quer conhecer a clínica? —

pergunta e sorrio, terminando de me vestir.

— Adoraria.

— Vou precisar organizar essa sala novamente. — diz.

— Posso te ajudar. — Ofereço ajuda, mas não sei se poderíamos estar aqui sozinhos novamente.

— Não sei se seria uma boa ideia.

— Está com medo de não resistir?

— Estou com medo de nunca querer parar. Essa sala nunca será a mesma para mim. E estou ansiosa para que possamos rebatizá-la.

Sorrio.

— Sempre que desejar, Maria

Luana. Estou completamente ao seu dispor.

Caminhamos para fora da sala e ela logo se empolga ao mostrar e falar sobre o seu mundo.

— Adora animais. — falo.

— Adoro. Acho que são mais do que animais, na verdade, são companheiros, amigos leais.

— Por isso escolheu a

veterinária?

— Escolhi porque queria ser médica, mas não queria cuidar de pessoas. Gosto de cuidar de cada animal que chega até mim. Gosto de saber que estão bem.

— Está incrível. — digo, porque a clínica está realmente incrível. Todos os detalhes pensados com carinho e cuidado.

Voltamos para a entrada da clínica. Está tarde.

— Está de carro? — pergunto.

— Estou.

— Podemos jantar amanhã?

— Podemos. — Sorri e não consigo resistir. A puxo para mim e a beijo. É um beijo calmo. Sem pressa, mas cheio de paixão.

— Te pego em casa amanhã.

Vou cozinhar para você.

— Sabe cozinhar?

— Um pouco.

— Maju diz que homens de barba e que cozinha são o paraíso na terra.

— Bom, barba não tenho, mas cozinho alguns pratos. Isso é importante para você? Posso aprender.

O sorriso que dá ilumina todo o

seu rosto.

— Não importa, mas... Acho que dá um pouco mais de tesão. Imagina como seria te encontrar com pouca roupa, cozinhando.

— Fetiche em homem que cozinha. Anotado!

Maria Luana sorri e cola sua boca na minha.

— Preciso ir, mas...

— Não quer. Eu sei. Se pudesse te levaria para minha casa e te manteria em minha cama. Passaria a vida te admirando. Não, não conseguiria apenas admirá-la, eu passaria a vida adorando você, seu corpo.

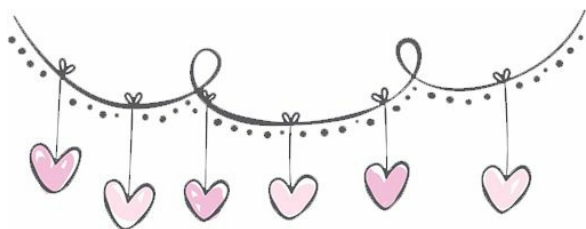
— Assim não conseguirei mesmo ir para casa.

— Pode ir para a minha.

Malu suspira.

— Amanhã. Te vejo amanhã,
seu policial. — diz e termina de fechar a
clínica.

Eu ganho mais um beijo e então
a vejo entrar no carro. Dirijo-me para o
meu, e apenas quando ela parte, me
permito ir embora.



Capítulo 19

Maria Luana

Chego em casa com um sorriso no rosto. Entro direto para o quarto e de lá para o banheiro. Fico tempo demais no banho, mas ainda assim, não consigo tirar o sorriso dos lábios.

Por que demorei tanto para ficar com ele?

Saio do banheiro apenas de toalha. Pela primeira vez, vejo Maria Eduarda. Ela já estava ali quando entrei?

— Esse sorriso tem razão? Aliás, me transformar em fantasma tem razão? Passou tão sorridente que não me viu. — diz e pego uma roupa. Volto para

o banheiro.

— Tem dono. — grito.

— Posso saber quem é?

— O seu policial!

— Não acredito!

— Pode acreditar. — Retorno
para o quarto e a vejo sorrir.

— O que aconteceu? Como foi?

— Só aconteceu. Pela primeira
vez me permiti não pensar muito e

apenas foi.

— Quero saber mais, preciso de mais.

Sorrio e sento-me ao seu lado em sua cama.

— Estava terminando de organizar a clínica. Está tão próxima a abertura e então ele chegou. Só agi. Não pensei em nada. O levei para minha sala e foi. Foi a melhor coisa que fiz na

minha vida.

— Batizou sua sala?

— E batizaria muito mais. Foi intenso, como nunca foi. O Igor é... Não sei como definir esse momento. Só que nunca imaginei ser assim.

— Apaixonada.

— Vamos jantar amanhã.

— A Maria Júlia vai enlouquecer ao saber. Vai reclamar que

quando conversamos ela está sempre de plantão.

— Pitadas de drama.

— Acho que todas nós temos.

— Maria Eduarda diz e realmente, somos bem parecidas nisso.

— Fico feliz por estar feliz.

— Acha que daríamos certo?

— Acho que dão certo. Só precisa arriscar um pouco mais.

— Amanhã é um novo dia, se sei que vamos nos ver, mas gostaria que o momento que tivemos hoje não acabasse. Estranho?

— Nenhum pouco. Mas, podem repetir amanhã. Não necessariamente o sexo, mas a entrega. Se conhecer mais.

— Às vezes, quando estou com ele, sinto como se o conhecesse a vida inteira. Ele me ouve com paciência,

mesmo quando o que falo parece não ter lógica. E me olha como se nada mais existisse a não ser o momento que vivemos. É tão diferente de tudo que já vivi. Tão intenso.

— Queria que pudesse ver o brilho em seus olhos ao falar dele.

— Queria que sentisse um pouco da emoção que sinto ao falar dele.

— Apaixonada. — Repete e não posso negar.

(...)

Após uma luta para decidir o que vestir para o jantar, acabo decidindo por um vestido preto e leve.

Igor me espera na frente de casa. Entro no carro e sou puxada para um beijo. Já o percurso até a cada dele é rápido e percebo o quão próximos

moramos. Na verdade, já passei muitas vezes por sua casa e ainda assim, nunca o vi.

— Engraçado, não é? Já passei tantas vezes por aqui e fomos nos esbarrar na casa do meu amigo, em uma situação cômica.

— As coisas acontecem exatamente como tem que acontecer. O destino prega peças e faz com que tudo

caminhe exatamente como precisa ser.

— Acredita mesmo nisso?

— Acredito. Acredito que nos encontramos da forma que tinha que ser e que as coisas estão avançando agora porque esse é o momento certo. — diz e estaciona.

Igor me observa por alguns minutos e então diz:

— Vamos subir ou te ataco aqui

no estacionamento e não quero ser imprudente.

Sorrio e subimos juntos. O apartamento é grande, masculino, mas muito bem organizado.

— O cheiro é bom. — digo ao ser puxada para a cozinha.

A mesa bem-posta está linda.

— Frango grelhado com mostarda, um arroz básico e um petit

gâteau. — fala e me surpreendo.

— Uau! Achei que cozinhou um pouco, aliás, foi o que disse.

— Pesquisei tudo hoje de manhã e fiz as pressas. Espero que esteja tão bom quanto o cheiro.

Jantamos falamos sobre nós. Falei sobre as cobranças sutis da mamãe em forma de brincadeira para que as Marias saiam de casa, o modo como

somos acolhidas pela mamãe sempre que precisamos de colo. O modo como o papai sempre nos apoiou em tudo. Igor, falou sobre como foi crescer e mudar seus sonhos, sobre o quanto se realiza em sua carreira, sobre como seus amigos são importantes.

Em sua sala, enquanto continuamos conversando percebo que é um cara tranquilo, amigo e muito leal.

Igor é cheio de charme. Sedutor, me olha como se eu fosse tudo o que conseguisse ver.

— Não quer ficar? — pergunta depois de tanta conversa.

Suas mãos fazem carinho em meu rosto e fecho os olhos.

— Você disse que tem plantão amanhã. Não quero atrapalhar, além disso, não trouxe nada.

— Trouxe o mais importante.

Você. Posso te deixar em casa cedo ou pode ficar dormindo.

— Confia em mim a ponto de me deixar em sua casa?

— Confio. Sou um policial, sei que muitas vezes não devemos confiar assim, mas confio totalmente em você. Acho que passamos da fase da desconfiança. — diz e me puxa para seu

colo. — Poderia ficar, não irá se arrepender.

Fala e sinto suas mãos tocar minha pele por baixo do vestido. Ótimo meio de me convencer. As mãos subindo e descendo por minhas coxas me acendem. Sem muito pensar, digo que sim. Que ficarei, acho que ficaria para sempre se ele promettesse me beijar como acaba de fazer.

Sua língua toca a minha e suspiro. Suas mãos, seu cheiro, tudo nele me atrai.

As roupas saem rapidamente e diferente de ontem, nós nos entregamos calmamente. Sem pressa. Mas, nem por isso, o que sinto diminui. Igor representa toda a intensidade que sempre desejei.

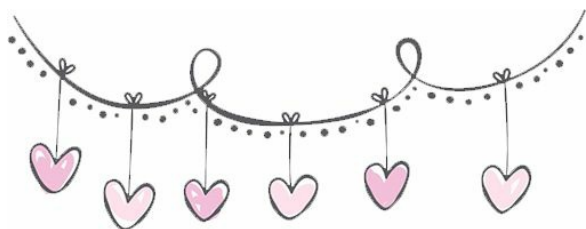
— Acho que encontrei o tipo de amor que meu coração desejava. — digo

ao recuperar as forças, o ar.

— Eu tenho certeza de que o
achei. — Igor sussurra e sorrio.

Achei. E nem estava buscando.

Caí e então descobri que a
maior aventura da minha vida estava
apenas começando.



Capítulo 20

Igor Ribeiro

Uma semana inteira sem vê-la, após uma noite incrível. Palavras sussurradas. Passamos a semana trocando mensagens, enquanto meus plantões foram cheios, Maria Luana está

ansiosa com a inauguração de sua clínica.

Amanhã a verei de novo e sinto-me como um adolescente no auge da puberdade. Louco para vê-la, louco para beijá-la e louco para tê-la. Já nos imaginei tantas vezes. E não apenas no quesito sexo. Nos imaginei juntos e ao imaginar, percebo o quanto me sinto sortudo por ter a chance de estar

compartilhando momentos de entrega e paixão com ela.

(...)

A inauguração da clínica termina tarde. Foram muitos animais examinados gratuitamente por ela. Muitas pessoas adorando o ambiente, elogiando o cuidado e atenção que ela

entregou. Maria Luana pensou em tudo e isso, para mim, é o que a levará ao sucesso.

Conheci seus pais. Seu pai falou sobre o trabalho na maior parte do tempo, mas ainda assim, não perdia sua filha de vista e a cada vez que a encontrava, seus olhos brilhavam. Já a mãe, perguntou quando colocaria uma aliança no dedo de Malu e se já tinha

casa própria, afinal, quem casa, quer casa. Maria Eduarda, a irmã caçula apareceu e a fez saber que não estamos no ponto de casamento. A mulher, bufou, reclamou sobre os namoros de hoje em dia ser moderno demais e por fim, me convidou para jantar. Maria Júlia passou tão rapidamente que mal a vi. Enfermeira, como o pai fez questão de falar, vivia entre plantões. Enquanto

tudo isso acontecia, eu não a perdia de vista, a verdade era que meu olhar era todo para ela.

A tarde foi longa e apenas quando o último animal passou por triagem e recebeu alguns brindes, foi que se permitiu parar. Seu semblante cansado, mas satisfeito mostrava o quanto o dia foi especial.

A observo fechar a clínica e a

puxo para meus braços.

— Não quer ir para minha casa? — pergunto e ela me olha. Em seus olhos há um brilho a mais. — Posso te fazer uma massagem, pedimos comida, toma um bom banho e dorme.

— Acho que isso faria o dia terminar perfeito.

— Estou orgulhoso de você. Pelo que vi trabalhou muito, mas seus

olhos, há um brilho diferente nele.

— Estou tão feliz, Igor. Como se o significado do “nasci para isso” finalmente fizesse sentido. — diz e a puxo para o carro.

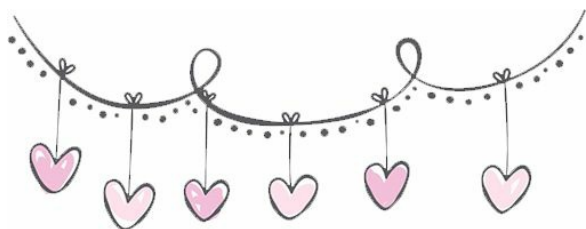
Maria Luana está cansada, mas não se deixa abater. Conversa sobre suas expectativas para a vida profissional. Em casa, encho a banheira e logo a vejo entrar.

Perfeita. Seus olhos se fecham, de seus lábios saem um gemido. Sento-me ao seu lado e peço que me dê um pé. Seu semblante cansado vai mudando para relaxado na medida em que aproveita o banho e a massagem que faço em seus pés.

Por longos minutos, os massageio, então a deixo desfrutar do momento e desço para receber a comida,

pouco tempo se passa, mas é o suficiente para que ao entrar no quarto a ver de roupão, dormindo em minha cama grande.

Nunca imaginei que iria me apaixonar ainda mais por uma mulher simplesmente por vê-la dormir de roupão em minha cama. Mas ela? Ela me mostra que tudo que faz me encanta, me apaixona.



Capítulo 21

Maria Luana

O banho na banheira me deixou relaxada, mas foram as mãos de Igor massageando meus pés que fizeram maravilhas. Ou quase, se suas mãos tocassem meus ombros e costas, poderia

dizer que relaxei totalmente. No entanto, o relaxamento “parcial” me permitiu descansar. O sono veio e logo me vi, ainda de roupão, deitando-me em sua cama enorme e caindo no sono.

(...)

Acordo com um carinho suave no cabelo. Abro os olhos preguiçosamente e o vejo. Igor está me olhando tão calmo, tão apaixonado. Eu

adoraria acordar sempre assim. Daria tudo para ter alguém que me olhasse assim por todos os dias da minha vida.

— Bom dia — sua voz de sono me encanta e me pergunto se há algo nele que não me fascina.

— Bom dia.

— De que horas precisa abrir a clínica? — pergunta.

— Às nove.

— Vou tomar um banho rápido e ir comprar algo para comermos.

— Não precisa, comemos o que tiver. — digo, mas ele completa deixando um beijo suave me meus lábios:

— Volto logo!

O vejo entrar rapidamente no banheiro e se tivesse certeza de que não demoraríamos no banho, o seguiria, mas

sei que banho juntos envolveria muito mais do que apenas um simples banho.

Levanto-me assim que o vejo sair do banheiro. Enquanto caminho até o banho, Igor diz que vai na padaria. A água quente batendo em minhas costas me faz suspirar. Passo longos minutos debaixo do chuveiro e quando finalmente desço a mesa já está finalizada.

— Você sempre arruma a mesa assim ou é apenas para mim?

— Assim, apenas para você.
Quando Heitor e João aparecem fazemos uns petiscos, churrascos, nada muito elaborado, apenas para aproveitar as cervejas geladas e os jogos.

— Eles vêm sempre aqui?

— O suficiente para acabar com as carnes que deveriam durar a

semana.

— Você que faz as compras?

Cuida de tudo sozinho?

— Se arrumo a casa, cozinho, lavo, passo e faço a feira? Às vezes.

85% das vezes é a Niele que faz.

— Niele? — pergunto curiosa e ele sorri.

— A diarista.

— Ela é bonita? Tem nome de

felino.

— Você quer saber se ela é bonita como uma gata?

— Sim.

— Ela é gentil, educada e extremamente cuidadosa.

— E bonita?

— Bonita também.

— E como funciona?

Igor me puxa para seus braços e

beija meus lábios de maneira suave.

— Deixo a chave na vizinha, Niele pega, entra, limpa, lava, faz congelados para a semana, quando necessário, faz a feira, fecha tudo e entrega a chave de volta para a vizinha. Nos vemos poucas vezes, os dias em que vem estou de plantão. Quando não estou, ela me deixa dormir, mas na maior parte das vezes, não estou. Heitor

e João vem mais quando estou de folga do que ela. Ciúmes?

— Um pouco.

— Eu acho que te amo, sabia?

— diz e sorrio.

— Eu acho que sim. —

respondo e beijo seus lábios.

O café da manhã se passa, Igor me deixa em casa. Visto-me rapidamente e dirijo até a clínica para um longo dia

de trabalho.

(...)

Chego em casa após várias consultas. Na sala, Maria Júlia e Miguel conversam. Sento-me ao lado da minha irmã e ela me olha curiosa.

— A madame pode dizer onde passou a noite?

Miguel me observa.

— Com um certo policial. —

digo e Maju quase pula em cima de mim.

— Verdade? O coitado finalmente saiu da seca? Achei que aquele papo com a Madu era mais para me zoar.

— Você é muito boba, Maju. —
 digo e ela sorri.

— Estão mesmo juntos? Em um relacionamento? — Miguel pergunta, lembrando que na inauguração Igor

apareceu e conheceu a todos.

— Estamos.

— Está se cuidando, não é? Ele
pediu ao tio? — questiona e observo.

Ele está brincando?

— Você está brincando? —
pergunto.

— Não. Estou falando sério.
Namoro é compromisso. Sexo envolve
responsabilidade.

Maria Júlia não consegue parar de rir. De mim. Dele. Da situação. A postura séria de Miguel dura mais alguns segundos e então ele sorri.

— Deixa de ser besta, Maria Luana. Estou brincando.

— Precisava ver a sua cara! —
Maju diz.

— Ele estava brincando, mas eu falo sério. Está se cuidando, não é?

Nada de gravidez dentro da minha casa,
Maria Luana. Filhos, só após o
casamento. Apenas depois. — minha
mãe diz ao passar por nós três e entrar
na cozinha.

— De onde ela aparece assim?

— Miguel pergunta e sorrio.

— Essa casa tem câmeras e
escutas por todos os lugares.

Provavelmente sua bunda está em cima

de uma agora mesmo. — digo e ele joga o travesseiro em minha direção.

— Você é muito besta mesmo.

Vou embora, Manuzinha está me esperando.

— Por que você sempre as chama no diminutivo? — pergunto.

— Não faço ideia. — respondo e sai.

— Então, vai me contar tudo ou

vou ter que ficar com a versão meia boca que deu junto com a Madu sobre o primeiro encontro de vocês na clínica?

— O que quer saber?

— Tudo. Eu quero saber de tudo.

— Estamos juntos. Está sendo perfeito. Estou feliz.

— A primeira vez que os vi juntos, percebi o quanto combinavam.

Mas, foi o modo como ele te olhava que me fez ver que daria certo.

— E como ele me olhava?

— Como se estivesse perdidamente apaixonado. É de tirar o fôlego.

Sorrio, pois nunca imaginei que podia ser assim, que estar com Igor me faria tão feliz. E mesmo sendo recente, sinto-me como se fosse a decisão mais

certa que tomei. Estar com ele foi uma das melhores escolhas que fiz. Igor é totalmente diferente de todos os outros homens que conheci. Ele é tão único, centrado, entregue e feliz.

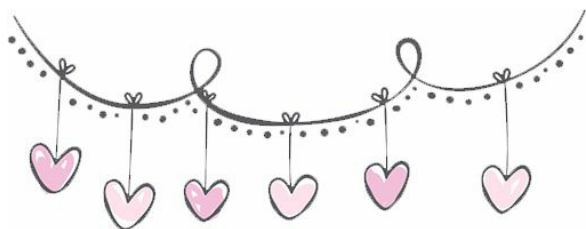
Maria Júlia continua falando, no entanto, a única coisa que consigo pensar é no quanto o quero. No quanto sinto sua falta, mesmo tendo passado a noite juntos. A conversa se estende,

Maria Eduarda chega e se junta a nós. O assunto se amplia e de Igor vai para tudo. Se torna sobre a vida no geral e quando por fim, volta para relacionamentos, Igor volta a ser pauta, afinal, minhas irmãs estão loucas para saber o desempenho do meu namorado. E embora meu sorriso me entregue, não irei colocar em palavras para elas, tudo o que Igor me faz sentir.

Satisfeita.

Entregue.

Completa.



Capítulo 22

Igor Ribeiro

Os meses se passam e aos poucos vamos, Maria Luana e eu, aprendendo a conciliar nossas rotinas e plantões. Costumamos jantar juntos e fomos algumas vezes para sua casa,

onde conheci um pouco mais da família Guimaraes.

Dona Maraiza é... Sensacional. Inquieta, faladeira e engraçada. Maria Luana e as irmãs veem as cobranças da mãe como um desejo de que saiam de casa. E embora, minha sogra falasse sobre a importância dos filhos criarem asas e voarem, vi apenas coisas ditas da boca para fora. Vi tanto amor e carinho

em seus olhos. Vi o quanto se preocupa e quer bem as filhas. Milton, pai da Malu, é como um gavião. Sempre atento, com sua visão e audição aguçada. Quando menos esperava o pegava nos observando. Sérió, com um ar mais sisudo, entendi que é o tipo de pai que deixa a cria livre, mas está sempre perto, seja para corrigir, apoiar ou proteger.

As irmãs, Maria Júlia e Maria Eduarda são diferentes, mas tão... iguais, por mais que digam que não possuem traços parecidos. Amorasas umas com as outras, preocupadas, elas se admiram, se protegem e demostram amor. Acho que nunca me deparei com uma família tão amorosa e unida. Nem mesmo a minha.

Ao longo dos meses, pude

perceber ainda que não é tê-la nua em minha cama que me tira o ar. Não é apenas o seu jeito simpático e falador, não é nem mesmo seu sorriso único, mas a doçura com a que Maria Luana se apresenta ao lado das pessoas que ama e que a ama. É o modo como ela se entrega e ama.

A verdade é que toda ela me deixa sem ar.

E é por isso que, enquanto a vejo sorrir e caminhar até mim, me pego sorrindo e amando-a ainda mais.

— Podemos apenas ir para sua casa? Pedimos comida por telefone. — diz entrando no carro.

Por um instante, Maria Luana para, me olha, sorri e então me beija. É um beijo que começa suave, mas logo nos acende. As línguas se entrelaçam, os

corpos se buscam no espaço pequeno.

— Vamos, antes que eu não resista e te agarre aqui.

— Seria uma bela primeira vez.

— fala mordendo os lábios e me olhando acesa.

— Malu...

— Para mim seria. Eu iria adorar que você apenas não se importasse, me puxasse para seu colo.

— diz e eu olho para a rua. Está escura, ela acabou de sair da clínica. O estacionamento está vazio. Suspiro. — Me beijasse como se não houvesse amanhã e então tirasse minha roupa, não toda, apenas o essencial. Imagina como seria?

Em um movimento rápido a puxo para meu colo e baixo o meu banco. Caralho! Apenas ela tem esse

poder sobre mim.

Rapidamente levanto sua saia, deixando um amontando em sua cintura, puxo sua calcinha para baixo e solto um gemido ao tocá-la.

Uma deusa.

A mulher da minha vida.

É isso.

A Maria Luana é a mulher da minha vida.

O beijo acontece de maneira intensa, seu corpo sobre o meu, os movimentos, os sons, o cheiro. É como se estivesse em um paraíso. Único, libertador e excitante.

Nós nos entregamos ao nosso momento e a primeira vez mais intensa que já tivemos. Sim, nunca me arrisquei em carros ou lugares escuros, mas com ela? Por ela? Eu faria tudo. Eu seria

tudo o que precisasse.

— Casa comigo?

Sinto seu sorriso junto a minha boca.

— Não.

A afasto e olho sério para uma Malu extasiada, mas extremamente consciente.

— Não? — pergunto.

— Pós-sexo não é momento

para grandes decisões.

— Não quer se casar comigo?

É uma decisão tão grande assim?

Ela sorri e isso me chateia.

— Não é isso. Às vezes, algumas palavras ditas durante ou após o sexo não são o que realmente se deseja falar. Por isso, minha resposta é não. Eu te amo, você sabe que amo. E eu vou amar me casar com você, mas...

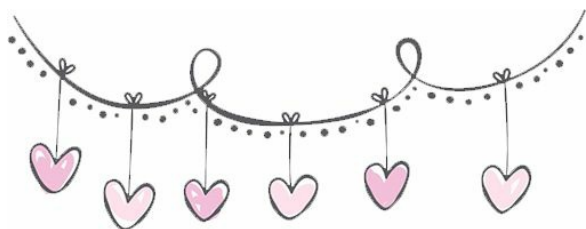
Quero um pedido cem por cento consciente. Não quero porque o sexo foi alucinante, não quero um pedido assim. Surpreenda-me meu policial e então marcamos a data.

Vejo Malu ir para o seu banco, arrumar suas roupas e me olhar. Continuo em silêncio. Por mais que entenda o que quis dizer, acho que o ego de um homem nunca estará pronto para

receber um não ao pedido de casamento.

O meu não estava.

Talvez para ela, nunca esteja.



Capítulo 23

Maria Luana

O caminho para a casa de Igor é feito em silêncio. Pensativo, ele raramente puxa assunto. Acabo pedindo o jantar por aplicativo no celular e ao estacionar sigo direto para o quarto,

entro no banheiro e ligo o chuveiro.

Minutos se passam, saio do banho e visto um pijama que deixei em suas coisas. O encontro na sala, sentado no sofá, mexendo no celular. Paro em sua frente e ele me olha, mas é quando me aproximo para beijá-lo que percebo o quanto o magoei.

— Vou tomar um banho. Pode receber a comida? Tem dinheiro na

minha carteira. — fala apontando a carteira na mesa de centro.

Afasto-me dando espaço, Igor larga o celular e sobe. Jogo-me no sofá e vejo quando seu celular notifica a chegada de uma mensagem. Curiosa, abaixo um pouco a tela tendo acesso a mensagem em um grupo denominado “os putos”.

Heitor: Se a entendeu por que está

irritado? Acho que ela está sendo realista. Em alguns momentos, falamos coisas que não queremos, momentos como no sexo ou após. Todo mundo sabe que coisas ditas no calor da excitação não devem ser levadas em conta.

João: A regra não vale quando as palavras são ditas para quem se ama. Se estão juntos há meses, por que ela

**achou que poderia ser reflexo do
prazer que o sexo traz? Ninguém pede
ninguém em casamento após transar.**

**Heitor: Fale por você. Se todas as
mulheres que ouviram de mim “eu me
casaria com você” estivessem
realmente casadas, eu seria mais do
que bígamo.**

Solto o celular. Sinto meus
olhos se encherem de lágrimas, mas as

engulo ao ouvir a campainha. Recebo a comida, pago e sem pensar organizo a mesa. Estou finalizando-a quando Igor desce vestido apenas com um short leve.

— Sinto muito. — começo e ele me olha. — Por ter me expressado mal. Eu quero muito uma vida com você. Acho que já está claro que nós estamos de cabeça nesse relacionamento, acho que já está claro o que sentimos. Não

quis ferir seus sentimentos, só quis dizer que...

— Que quer um pedido oficial, bonito, talvez romântico. Entendi. Não feriu meus sentimentos, feriu meu ego. Tudo o que disser antes, durante e após o sexo será real. E será porque você é real. Então... só não compare nossas situações, não quero achar que diz que me ama porque está explodindo em um

orgasmo. Quero ter certeza de que diz, porque isso é o que sente.

— Igor, sabe que te amo. Sabe que para mim é mais e sinto muito. Não era para se transformar em uma tempestade, só queria...

— Um pedido melhor. Eu sei e está tudo bem. Sei que quando pedir novamente, com um anel, da maneira mais correta dirá que sim.

— Eu te amo.

Sinto suas mãos me puxarem para si e sua boca colar na minha de maneira suave.

— Eu te amo. Vamos jantar e ver um filme.

Concordo e ele me beija mais uma vez de maneira suave.

— Está tudo bem, Malu. Apenas relaxe. Meu ego irá se

recuperar. — fala ao se separar de mim
e seguir até a mesa.

Suspiro e espero que tudo
realmente esteja bem.

(...)

As coisas logo voltam ao
normal. Após conversar com minhas
irmãs entendi o lado do Igor. E depois
de uma conversa, nos entendemos. Não
saberia ficar distante dele. Igor

conquistou meu coração e sem ele tudo é mais frio.

Estou deitada em minha cama, após uma semana fora estudando, quando dona Maraiza, conhecida também como minha mãe, entra no quarto.

— Seu namorado chegou. Você podia ter avisado que ele viria. Tão bonito de farda.

— Igor está aí? Eu não sabia que vinha. — Levanto-me olhando no espelhando. Arrumo um pouco o cabelo.

— Está bonita. Desça para fazer sala para o menino, enquanto acabo de fazer o jantar.

Sorrio.

— Está feliz? — pergunta ao me ver passar por ela.

— Estou. Muito mais do que

achei ser possível ou capaz.

— Ele parece mesmo ser um bom rapaz. Espero que cuide de você e do seu coração.

— Ah, mamãe. Eu te amo.

— Eu também amo você. Agora vá. O convide para jantar.

Sorrio ao encontrá-lo na sala. Sentado, olhando o celular, Igor Ribeiro está fardado e lindo.

— Não me acostumo a te ver assim. — digo e ele sorri, levantando-se ao me ver a sua frente. — É uma tentação. Agora entendo por que dizem que mulheres tem taras por fardas.

— É sério? — pergunta e me puxa para seus braços.

— É completamente excitante te ver assim. Tão...

— Fardado? Cansado? — diz e

sorrio ao sentir seus lábios tocarem suavemente os meus.

— Como foi o plantão?

— Corrido, mas finalmente acabou.

— Fico feliz que tenha vindo me ver. — falo, pois são pouquíssimas as vezes em que vem direito e essa, é a primeira vez que aparece de farda.

— O dia parecia correr

devagar. Estava louco para te ver e a única coisa que consegui pensar ao sair era: preciso vê-la. Então vim.

— Eu senti muita sua falta esses dias. Uma semana sem nos ver e meu coração fica tão pequeno. Nem as mensagens foram capazes de aplacar a saudade que senti.

— O importante é que está fazendo o que gosta. O curso foi como

esperava? — pergunta, afinal, foi a semana mais longa que já passei.

— Foi. Na verdade, superou minhas expectativas, mas não quero falar sobre o curso, quero apenas te sentir. E matar a saudade.

— Vamos para minha casa? — pergunta.

— Ela pode ir, assim que vocês sentarem comigo e jantarem. —

Ouvimos a mamãe e Igor sorri.

O jantar se passa rápido e rapidamente vamos para sua casa. O trajeto é feito em silêncio e ao entrarmos, não conseguimos ir muito longe. A sala se torna nosso refúgio, o lugar em que matamos a saudade e o desejo.

Os braços quentes de Igor sempre serão meu lugar favorito. O

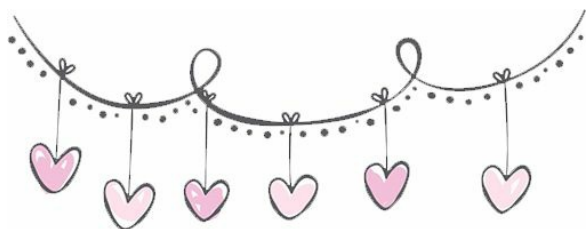
lugar para onde, no fim, sempre
desejarei voltar.

— Eu te amo. — digo colada
ao seu corpo. Seus braços me rodeiam e
sinto-me em casa.

— Eu te amo. esse é o futuro
que desejo para nós. Aqui, em seus
braços, é o que considero meu lar. —
fala e o beijo.

Começa suave, sem pressa, e

então explode. Nos acende, as maravilhas que Igor faz com sua língua em minha boca, o sons. Nos unimos, nos amamos. Não percebo quando ou como chegamos em seu quarto, mas por um longo tempo, nós nos entregamos ao momento e apenas quando temos nossos corpos cansadas e saciados é que nos permitimos cair no sono.



Capítulo 24

Maria Luana

Com o passar dos meses a clínica passa a ter mais movimento. As parcerias com ONGs voltadas a proteção animal têm aumentado e me dando visibilidade, mas os clientes

comuns ainda mais. Finalmente comecei a pagar o valor dado pelo Miguel para que a clínica fosse possível.

Estou feliz. Minha vida pessoal tem estado maravilhosa, quase como um conto de fadas, se eu acreditasse neles. A profissão tem finalmente fluído. O dinheiro está entrando, estou conseguindo equilibrar os gastos e manter um lucro. Minha rotina tem

estado corrida. Dias longos de trabalho, alguns dias de plantões. Jantares, almoços e fugas em fins de semanas com Igor. Às vezes, mal fico em casa. A verdade é que aproveitamos toda folga que Igor tem e elas tem sido... maravilhosas.

O modo como nos entrosamos é único. Igor foi tão bem aceito pela minha família que às vezes penso se a

mamãe irá adotá-lo. Chego em casa após um dia de trabalho e o cheiro da comida caseira me faz seguir direto para a cozinha, onde encontro a mamãe entre panelas.

— O cheiro está uma delícia.

— digo, elogiando a comida.

— A madame achou o endereço de casa? Achei que tinha esquecido.

Sorrio.

— Igor está de plantão.

— Está explicado o repentino surto de consciência.

— Mamãe, assim começo a achar que não quer que vá embora. Não era a senhora que dizia que precisava crescer e sair de casa?

— Sair de casa. Não fazer dela um ponto de apoio. Está namorando. Não se casou. A casa do seu namorado

não é a sua casa. Essa é.

— Eu sei que namoramos,
apenas... temos mais privacidade lá.

— Privacidade? Ok. Então, vai
ficar em casa hoje? — Muda de assunto.

— Vou. Quero jantar essa
comida cheirosa e ouvir minha mãe
reclamar sobre passar muito tempo com
o homem que amo.

— Ama mesmo? — pergunta

sentando-se ao meu lado.

— Amo. O amo com todo meu coração. Este está sendo o momento mais feliz da minha vida. Estou mais do que apaixonada, estou amando.

— Sempre quis ver uma das minhas meninas amando. Seu rosto... — suspira. — Seus olhos brilham, Malu. Sua felicidade sempre será a minha felicidade. E sei que seu pai se sente da

mesma forma. Não nos importamos se está indo com ele de papel passado ou estejam “curtinho” a vida juntos, desde que ele te respeite, te ame. — Dá de ombros. — E os olhos daquele menino, refletem os seus. Brilham de amor e paixão. Quero que seja feliz.

— Ah, mamãe. Eu sinto-me feliz. Estou realizada. Minha clínica está dando frutos. Meu relacionamento está

sendo construído com uma base sólida e apesar de ter me pedido em casamento, espero o momento certo.

— O seu policial já fez o pedido? — pergunta usando o termo que já virou rotina aqui em casa.

— Pediu, mas era o calor do momento e nada formal. Foi um pedido simbólico. Não um pedido oficial.

— Acho que entendi e se não

entendi, não quero entender. Vocês andam modernas demais. — fala sobre suas Marias.

— Eu amo seu coração mamãe.

Por muito tempo me magoei achando que seu desejo de nos ver indo embora era algo... — calo-me por não saber como definir.

— Entendo. Seu pai sempre disse que isso poderia magoá-las e

sempre achei que entenderiam que era apenas uma brincadeira. Não quero que saiam fugitivas, não quero que saiam achando que aqui não é lugar de vocês. Quero que cresçam, se tornem independentes e fortes. Que batalhem por suas coisas e sonhos. Achei que entenderiam. Sinto muito se nesse processo a magoei. É a minha menina. Minha primeira menina. Cheia de vida e

sonhos. E a amo mais do que poderia imaginar. Não quero que se vá, não sem ter um rumo certo, não sem ter definido para onde e como deseja ir. Esta casa é sua. É o seu lar e pode ficar aqui a vida inteira se assim desejar.

— Não vai mais me mandar embora?

— Prometo que não vou mandar embora de verdade. Ainda quero

que continue tomando as rédeas da sua vida e buscando o mais. Há um mundo inteiro para você lá fora e só vai conhecê-lo quando se permitir sair. Não quero que vá, mas um dia chegará o momento em que será preciso e irá sentir em seu coração. Aí, poderá ir.

— Eu...

— Não precisa chorar, Maria Luana. Lágrimas tiram todo o sabor da

comida. Lave esse rosto e volte. Hoje jantaremos apenas nos duas.

— Mas a Maria Eduarda logo vai chegar. Podemos esperá-la.

— A Madu não virá. Disse que vai sair com uns amigos e independente disso, hoje, eu gostaria de ter um momento só com você.

Sorrio.

Minha mãe é durona, mas é a

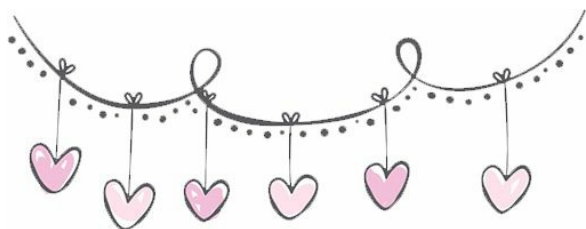
mulher mais amável que conheço.

O jantar se passa de forma divertida. Falamos sobre velhos momentos, sobre a infância. Quando terminamos, lavamos a louça juntas e apenas quando subo para tomar um banho e relaxar do dia, é que percebo que as palavras da mamãe sempre são cheias de sabedoria e duplos sentidos. Ao nos mandar embora, ela, na verdade,

nos manda apenas voar.

Dona Maraiza não quer filhas acomodadas, sonhando sem se esforçar. Quer filhas que planejam e correm atrás. Ir embora de casa, nada mais é do que sair da nossa zona de conforto. É nós arriscar.

Entendo finalmente que ir embora de verdade, vai doer, mas vai ser desafiador.



Capítulo 25

Igor Ribeiro

Um dia sem vê-la e me sinto tão vazio. Os dias se passam e me vejo cada vez mais louco, mais apaixonado.

Maria Luana me mostra a cada momento que uma vida com paixão é

muito mais incrível, que nossos dias podem ser mais emocionantes.

Sorrio ao pensar o que meus amigos diriam ao me ouvir falar assim. Mas, o que posso fazer se ela é tudo o que penso? O que posso fazer se com ela entendi o que meus pais falavam sobre o amor?

Sim, entendi que o amor existe e que uma vida sem ele se resume a

mera sobrevivência. Não quero apenas deixar os dias passarem. Quero vivê-los com intensidade e com ela ao meu lado.

Maria Luana é faladeira, impulsiva e apaixonante. É a mulher que me mostrou que na coragem há medo e no medo coragem. Minha dualidade e a dona do meu coração.

Piegas, eu sei. Mas a amo. E por saber de tudo isso, sinto que chegou

o momento.

Dirijo para a casa dos meus pais e me repreendo por ainda não a ter apresentado formalmente. No tempo em que estamos juntos foram poucas as vezes que consegui reuni-la com meus pais.

Bato na porta e vejo o olhar da minha mãe ao me ver parado. Sêrio.

— Não vai entrar Igor? Tenho

um jantar para preparar.

Sorrio. Apenas a mamãe poderia me deixar tão leve quando sinto um nervosismo gigantesco.

— Oi, mãe. Senti saudades. —
digo ao entrar e fechar a porta.

— Cadê a mocinha que precisa ser apresentada a nós?

— Em casa. E ela é minha namorada.

A vejo sorrir.

— Pretende um dia trazê-la na casa dos seus pais?

— A culpa não é minha se tenho pais que tiram seis meses de férias e ficam viajando por aí.

— Quatro meses, Igor. Foram quatro meses. Mas, queremos conhecê-la de verdade.

— Vou marcar. Preciso falar

com o papai.

— No escritório. — diz
indicando onde posso encontrá-lo e sigo
para lá.

Ao entrar, vejo meu pai lendo
um jornal. Sento-me diante dele e o
observo.

— Vai falar alguma coisa ou
veio apenas me ver ler o jornal do dia?

Sorrio. Esse é o meu pai.

— Vim pedir conselhos.

Vejo sua sobancelha se
levantar e ele me olhar sério.

— Continua Igor. Não leio
mentes.

— Vou pedi-la em casamento.

— E quer conselho?

— Sim.

— Não é cedo?

— Tempo não importa. A amo.

Não consigo ficar sem ela. Não é necessidade, é apenas desejo. Desejo construir uma vida com ela.

— Então já sabe o que quer.

Não entendo como pode desejar conselhos.

— Sobre casamento, vida a dois.

— Ah.... A receita do bolo.

Sinto muito. Não posso ajudar.

— SÉrio?

— Não existe fórmula mágica, não existe uma receita ou regra. Cada relacionamento é único. A ama?

— Sim.

— A respeita?

— Óbvio papai. — resmungo.

— É isso. Um casamento é reflexo dos valores que temos e do que cultivamos no relacionamento. Amor,

paixão, amizade, respeito, confiança e cumplicidade. Coisas que não podem faltar. Precisa lembrar que sem confiança nem mesmo uma amizade funciona. Sem respeito nada flui. Sem amor, a rotina se cansa, sem paixão, os dias se transformam em rotina, sem cumplicidade...

Não continua, mas o entendo.

— Já contou a sua mãe?

— Vim primeiro falar com o senhor.

— Parece um menino assustado. Espero que tenha mais coragem ao falar com os pais da moça. Aliás, quando vamos encontrá-la?

— O senhor também? — pergunto e ele sorri.

— Sua mãe estava falando sobre isso. Foram duas? Três vezes que

a vimos?

— Um pouco disso.

— Culpa nossa.

— Certamente.

— E sua. Podia ter se empenhado mais.

— Papai....

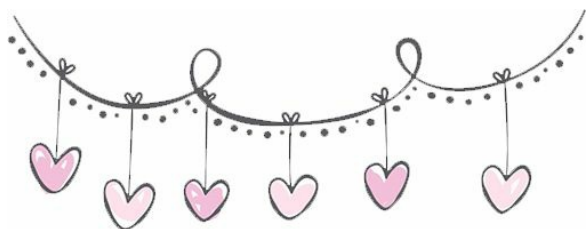
— Estou brincando Igor. Vamos jantar. Estou com fome e quero ver sua mãe querendo dar pitaco até no anel.

O sigo pela casa, meu coração
se aquece ao nos juntar a mesa.

Casa.

Sinto-me em casa ao lado
deles. Com meus melhores amigos
também, mas com ela sinto-me em paz.
No lugar onde quero e deveria ir.

Maria Luana é o meu lar.



Capítulo 26

Maria Luana

É estranho perceber seu namorado estar estranho. Há alguns dias Igor me olha de maneira... Intensa. Mais intensa do que nosso normal, mas ainda assim, continuamos criando nossa

própria rotina: jantar juntos quando podemos, encontros quando há folgas. Ela pode parecer monótona, mas não a trocaria por nada.

Não é o novo que a faz especial. É ele. Meu policial Igor Ribeiro.

São poucas as vezes em que seus amigos aparecem quando estamos no apartamento. Segundo Igor, não

querem roubar o tempo do casal apaixonado. Não me importo, mas agradeço, não por ser egoísta e querer Igor apenas para mim, mas por poder termos momentos a sós.

Hoje, deveria ser um dia comum. Cheio de consultas e animais pela clínica. Mas está um silêncio absoluto. Não há latidos, miados ou vozes.

Suspiro e olho novamente a agenda. Nenhum dos clientes apareceu. Segundo a minha recepcionista, ninguém ligou desmarcando, como pode então estar vazio? Como pode em um único dia todos faltarem?

Tiro o jaleco, pego minha bolsa e saio da sala. Na recepção, aviso a Iris, minha recepcionista, que vou resolver umas demandas pessoais, mas se algum

cliente aparecer estarei à disposição.

Entro no carro e dirijo até em casa, que estranhamente está vazia.

— Todo mundo resolveu sumir.
De animais a família.

Subo para o quarto, tomo um banho e deito-me. Acabo pegando no sono, sei disso porque acordo assustada ao ouvir o som insistente do meu celular.

— Até que enfim um sinal de

vida na terra. — resmungo ao pegar o aparelho e de pijama me dirigir a sala, onde um barulho atrai minha atenção.

Estou entretida falando com o Iris quando chego às escadas.

A luz levemente apagada me assusta. E então o vejo. No fim da escada, Igor Ribeiro, o meu policial, está de pé. Me olhando como se nada mais importasse.

— Como entrou aqui, Igor?

— Sou policial amor. Sei técnicas para abrir uma porta.

— Arrombar uma porta. —
corrijo e desço as escadas. — Por que
está tão estranho?

— Porque eu não sei bem como
começar a te dizer o que eu quero falar.

— Poderia começar acendendo
a luz. — Paro em sua frente e ele toca

minha cintura.

— Não está saindo como o
esperado. — resmunga.

O observo.

— Quero dizer que a amo. Que
meus dias sem você são vazios e que
com você são indescritíveis. Quero
dizer que te quero ao meu lado para
sempre. E que estou pronto e desejo que
esteja pronta para darmos mais um

passo. Quero que se case comigo. Que diga sim e que juntos possamos construir um futuro.

Sorrio.

— Diga sim, Maria Luana.

Diga sim e me faça o seu policial para sempre.

— Sim.

As luzes se acendem e finalmente vejo meus pais saírem da

cozinha, minhas irmãs, Miguel, seus pais e meus sogros também.

— É péssimo em fazer pedidos, filho. — o pai de Igor diz e sorrio.

É... Ele é mesmo péssimo, mas é o amor da minha vida.

— Sejam felizes! Valeu a pena cancelar todas as suas consultas e te deixar pensando no porquê seu dia tem sido tão estranho. — Maria Eduarda diz

e começa o ritual dos abraços. Todos nos parabenizam e vamos comemorar.

O jantar é servido com perfeição, o sorriso da mamãe demonstra o quanto está orgulhosa e a calma refletida no olhar do meu pai mostra o quanto ele está feliz. Do seu jeito, contido, quieto e simples.

Minhas irmãs falam sobre como agora terão mais espaço e meus sogros

que finalmente pude conhecer um pouco mais falam sobre a infância do filho.

É divertido. Simples, mas nossa cara. Esses somos nós.

Após algumas mensagens, Igor diz que seus amigos não poderão chegar. Emergência de trabalho.

Após algumas despedidas. Mamãe nos olha.

— O que ainda estão fazendo

aqui? Vão comemorar!

Sorrimos e sinto Igor me puxar pela mão. Como adolescentes, saímos de casa sorrindo. O trajeto para a casa do meu agora noivo é feito mais rápido do que o normal.

Comemoramos.

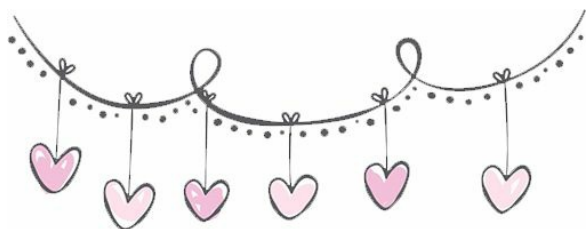
Do nosso jeito.

Com nossos corpos. Com amor.

Celebramos o fato de que o que

sentimos é eterno e que trabalharemos
para estarmos no futuro um do outro.

Durante toda a noite,
comemoramos nosso amor e sonhamos
com nosso futuro.



Capítulo 27

Maria Luana

Os dias se passam e pareço estar nas nuvens. Igor é o homem dos meus sonhos. Não é perfeito, mas é perfeito para mim. Somos um casal que se completa. Nossos dias são cheios de

amor, paixão e saudades.

Decidimos que nosso casamento será algo íntimo, apenas para família e amigos. Não gosto de grandes festas, assim como Igor. Decidimos ainda que embora pequeno, nosso casamento deverá ser organizado por quem realmente consegue dar conta do tempo, da correria e que nós devemos apenas aproveitar o dia. Por isso, juntos,

procuramos uma agência e colocamos no papel como queríamos e eles ficarão responsáveis por organizar nosso dia.

Grande dia.

A ansiedade me consome.

É assustador.

Oito meses e então serei dele e ele será meu. Todinho meu!

Sorrio sozinha ao entrar no quarto e assusto-me ao ver minhas

irmãs, que normalmente chegam mais tarde.

— A noite e o dia foram bons.

Está sorrindo à toa. — Madu diz.

— Foram. O fim de semana na fazenda foi divertido, romântico e intenso, mas pensava em outra coisa.

Os olhares curiosos me dizem que esperam por mais.

— Pensava que falta oito

meses. Apenas oito meses e seremos um do outro para sempre.

— Que romântica. — Maju fala e sorri. — Há uma emoção diferente em dizer que ele será seu como marido ao invés de noivo? — pergunta.

— Há algo mais intenso. Não é sobre posse, é sobre cumplicidade e desejo de começar algo novo, entende?

— Sim. Aqui sempre será

nosso lar e lugar seguro, mas há algo lá fora nos esperando. — Maria Júlia diz e sorrio.

— Sim. — respondo, sentando-me ao lado minha irmã.

— A vida com ele. — Maria Eduarda completa.

— Há a vida. Com ele, sozinha. Há vida. Aqui, a casa dos nossos pais sempre serão nosso lugar de refúgio,

mas existem momentos e coisas que existirão fora.

— Já sabem como será? —

Ouçõ a pergunta da Maju e suspiro.

— Apenas o que já explicamos.

A agência irá organizar. Ainda não definimos onde morar. Acho que o apartamento do Igor cabe para o início de casamento.

— E se vier filhos? — Madu

questiona.

— Enquanto for um dará.

Depois pensaremos. Queremos ir vivendo as etapas e não as pular.

— Vai ser o casamento mais lindo que veremos. — minha irmã caçula diz.

— Acho que os nossos casamentos serão. — digo.

— Não me casarei. — A voz

decidida de Maria Júlia me faz olhá-la. Há uma certeza em seus olhos, mas sei que ela ainda encontrará a pessoa que a fará repensar.

— Nunca diga nunca. — Maria Eduarda diz e sorrio cúmplice.

— Vamos dormir. Amanhã é mais uma segunda chata e precisamos voltar a rotina. — Maria Júlia muda de assunto e sigo para minha cama.

(...)

Os preparativos para o casamento se aceleraram com o passar do tempo. Minhas irmãs, a mamãe e minha sogra me ajudam a decidir os pratos que serão servidos. Acabei fazendo uma surpresa para a mamãe com o vestido. Com uma foto de seu casamento, pedi

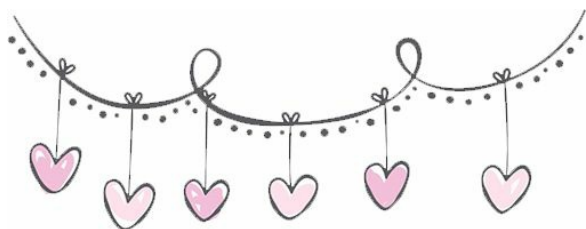
para que um modelo parecido, mas atual fosse feito. É simples, mas o desenho é delicado, lindo.

A ansiedade vai aumentando, o coração batendo forte. Nunca achei que desejaria tanto algo como desejo que o dia do casamento chegue. Sonhos, planos, um futuro. Uma vida.

Ah, o amor!

Nunca imaginei que o viveria

assim. Em um misto de tranquilidade e
euforia. Um misto de loucura e sensatez.
A felicidade é isso. É uma mistura de
entregas e vivências.



Capítulo 28

Igor Ribeiro

As semanas se passam e com elas as mudanças. Meu apartamento está ganhando nova cara, cor e jeito. Já não será um apartamento de um cara solteiro, será o apartamento de um casal

em início de casamento. Já não será apenas meu, será nosso. Nosso lugar, nossa casa, nosso lar.

Putá meda! Já não me reconheço.

Ao longo dos dias ao lado de Malu descobri que sou romântico. A porra do romantismo habita em mim e com ela entendi que sempre irei querer mais.

Nossa rotina está corrida, afinal, o trabalho parece se multiplicar. O meu e o dela. Há os preparativos, a reforma no apartamento. Teimei dizendo que daria conta de ficar enquanto as mudanças aconteciam, mas me enganei. Na primeira pintura, não aguentei e fugi.

Estou há dias na casa de Heitor que reclama sem parar de não poder levar as “amigas” para uma visita, como

se apenas ele estivesse sem privacidade para transar. Não tenho como planejar noites com minha noiva, afinal, agora tudo é poupar para o casamento, que custa caro *pra* caralho! No entanto, por ela faria tudo de novo.

Ficaria meses sem transar, aguentando meu amigo reclamando ou a bagunça da reforma. Aguentaria nossas mães reclamando e todo meu dinheiro

indo embora. Por ela, tudo vale a pena.

(...)

— Estava com saudades. — diz
ao deitar-se ao meu lado.

Seu corpo nu colado ao meu.
Seu cheiro, sua voz. Tudo fazem com
que meu corpo envie sangue para um
local específico e então a quero de

NOVO.

— Nunca vou me cansar de te querer. — digo.

— Esse fim de semana longe de tudo está sendo tão especial. Eu estava morrendo de saudades da gente.

— Fala a verdade, Malu. Estava com saudade de eu te agarrar assim, e te jogar na cama. Te beijar inteira e passar a madrugada, o dia, a

noite te amando.

— Estava mesmo. Saudades do seu corpo no meu. Dos sons, da pele. De tudo.

— Eu também. Estava com saudades de ter momentos tão... caralho, eu não sei mais definir maliciosamente, desde que te conheci deixei a putaria.

— Mentiroso.

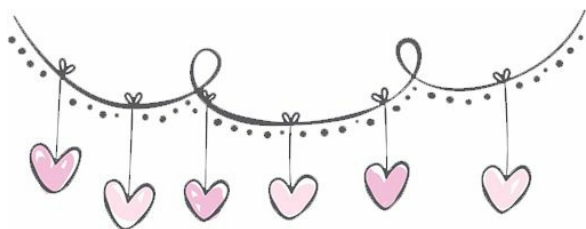
Sorrio.

— Romance e safadeza, apenas com minha noiva, futura esposa, mãe dos meus filhos.

Maria Luana sorri e não resisto. A puxo para meus braços e a colo ainda mais em mim. O beijo começa simples, mas se intensifica e logo nossas respirações se misturam ao nossos sons, gemidos, movimentos.

É intenso. Incrível.

Com ela tudo sempre será.



Capítulo 29

Maria Luana

Os meses estão se passando rapidamente. O casamento cada vez mais próximo. É domingo, Igor está de plantão e Miguel resolveu fazer um “esquentar” em sua casa.

A desculpa é que logo estarei casada e preciso comemorar os últimos momentos solteira. Mas, a verdade é que seus pais viajaram deixando a casa livre e ele está louco para dar uma festinha.

Pego o livro e caminho até a rede. Está calor, a piscina está cheia. Há barulhos, comida e muita gente na casa. Estou focada no livro quando ouço o barulho e sinto.

De novo, alguma louca invadiu a casa e está puxando meus cabelos.

— Você pode soltar os cabelos da minha amiga, Soraia? — Miguel diz e ela puxa um pouco mais forte.

— Miguel, você acha mesmo que acredito em você? — diz brava. — Depois de tudo que vivemos?

— Não vivemos nada. Sexo de uma noite não conta.

— Um mês. Achei que já poderíamos considerar um relacionamento. — continua falando e ouço a risada de Miguel.

— Está maluca, garota? Não namoro.

— Você vai soltar os cabelos da minha irmã ou vai parar no hospital, sua maluca! Ouviu meu amigo? Ele não namora! — Maria Júlia se aproxima e

sinto o aperto soltar.

Jogo os cabelos para trás e a encaro. Não entendo. Nunca entenderei como mulheres bonitas e jovens como todas as que passam pela vida, ou melhor, pela cama do Miguel se submetem a isso.

— Eu não namoro. Não te prometi nada, por que porra, vocês não entendem? Há um complô contra mim?

— Talvez se não fosse tão babaca, nós entenderíamos. — resmunga. — Para quê ficar com mulheres que claramente expressam o querem de você?

— Por que ficar com um homem que claramente diz o que quer de vocês? Eu não menti, Soraia. Se criam contos de fadas não é culpa minha.

A garota se irrita e o bate no

rosto. Miguel a olha bravo. Ela passa xingá-lo, falar o quanto ele é mau caráter, egoísta e aproveitador. Os amigos do Miguel se aproximam, a garota começa a fazer bagunça. Jogando alguns itens no chão, chorando e gritando o quanto ele vai pagar caro por ser assim.

Quando vejo Igor, entrar fardado suspiro e Miguel resmunga:

— Puta que pariu!

— O que está acontecendo aqui? — Igor pergunta.

— Nada. — Miguel responde.

— Se fosse nada, os vizinhos não ligariam reclamando de gritos e coisas quebrando. O que houve aqui? — pergunta mais uma vez.

— O mesmo de sempre seu policial. Um homem que não deixa as

regras tão as claras ao ir para a cama com algumas mulheres iludidas. Mulheres cobrando um relacionamento que não existe e claro, minha irmã pagando por isso. — Maju explica e ele logo me olha.

Vejo o quanto é difícil não tornar a ocorrência pessoal. Seus olhos me perguntam se estou bem e seu corpo parece querer correr até mim.

— Está tudo bem. A Soraia se exaltou. Vamos diminuir o som, não quero fazer nenhuma queixa e ela está bem. Todos estão bem. — Miguel diz.

— Se não querem fazer ocorrência, vamos embora, mas permaneçam com o som baixo e lembre-se do que uma vez ouviu em uma certa delegacia, Miguel. Se não sabe encontrar mulheres totalmente no seu

estilo de vida, pare de fazer seja lá o que faz que as deixa apaixonadas.

— Não tenho culpa se sou gostoso e faço bem feito. — meu amigo diz e Maria Eduarda o bate.

— Não está vendo que ele está aqui como policial? Está ficando doido? — minha irmã caçula questiona.

— Só falei a verdade. É pecado mentir.

— Mais do que você faz? Seu lugar no inferno está garantido Miguel.

— Soraia diz e então se vira para mim.

— Sinto muito! Achei que...

— Que eu era a outra, sim, já sei. Por algum motivo do universo todas acham isso. Um conselho? Fica longe do Miguel e homens como ele. Ele não está na fase que você está e infelizmente, a única a ser chamada de louca nessa

história toda será você, mesmo ele tendo uma grande parcela de culpa.

Ela dá de ombros e sai.

Igor vira-se para nós.

— Posso voltar ao trabalho? — pergunta e sorrio.

— Claro, amor. Sinto muito ter vindo por nada.

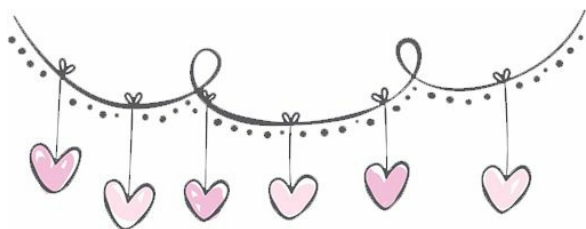
Ele se despede de nós com um aceno e então olho para o Miguel. Sem

culpa o empurro para a piscina e ele sai dela irritado.

— Da próxima vez que uma mulher enfiar as mãos nos meus cabelos achando por alguma razão louca que eu sou sua amante, eu vou arrancar a suas bolas e nunca mais, nunca mais você saberá o que é transar.

— Eu sinto muito. — diz e então caímos na risada.

Minha cabeça dói quando volto
para a rede e meu romance, mas não me
importo. Estou feliz e isso basta.



Capítulo 30

Maria Luana

Foi difícil fazer Igor entender que eu estava bem e que nada mais aconteceu. As semanas passaram com ele cuidadoso e reclamando, claro! Miguel ouviu poucas e boas e prometeu

que isso não voltaria acontecer. O que duvido. Só espero que a próxima não seja comigo.

Meu amigo precisa aprender a viver a vida. Não é possível que todas as mulheres se apeguem assim, no entanto, já não me meto no que diz respeito a sua vida sentimental, se Miguel não quer um relacionamento, não sou eu que vou aconselhá-lo a investir

nisso. O tempo dirá a hora certa.

Com a proximidade do casamento, mamãe fica ansiosa, o que acaba me deixando ansiosa. Já fomos várias vezes a casa de Igor para que visse que a casa está ficando totalmente do nosso jeito. Ela fez até mesmo Igor jurar que ficaria na casa de Heitor até nosso casamento, para que pudéssemos juntos inaugurar a casa “nova”. Heitor

não está tão feliz e as reclamações em meu ouvido estão horríveis.

Prometemos, Igor e eu, que pagaríamos um quarto no melhor hotel da cidade sempre que ele quisesse se encontrar com alguém, mas o filho da mãe nos sabotou e estava indo quatro dias da semana. Nosso bolso começou a reclamar e então Igor o fez uma visitinha e o encontrou assistindo um jogo

sozinho. O filho da mãe estava indo sozinho para o melhor hotel da cidade quatro vezes por semana, comendo a melhor comida e vendo jogos de todos os tipos a nossa custa.

Depois da brincadeira decidimos que Igor ficaria na casa dos seus pais, o que deveria ter sido a opção inicial, afinal, meus sogros adoram viajar e não nos proibiram de dormir

juntos. E é isso que estamos fazendo.
Não dormindo, ficando juntos.

Igor me ajuda a finalizar o jantar entre beijos e amassos. O fim de semana é todo nosso, afinal, seus pais foram para um hotel fazenda. Nunca vou me acostumar com meus sogros viajando a todo momento. Raramente consigo vê-los, mas me conformo, nem mesmo Igor consegue vê-los com frequência.

Segundo meu noivo, seus pais estão vivendo a vida que queriam ter vivido na juventude, mas que o medo do futuro os impediu.

É estranho quando nos preocupamos demais com algo que não saberemos como será, mas confesso que é tentador a vida que levam. Já não se preocupam com rotina. A única preocupação que os atinge é conhecer o

país e o mundo.

— Vamos jantar na sala? Está passando um filminho legal. — a voz forte de Igor em meu ouvi me tira dos devaneios loucos em que estava.

— Se você sujar o sofá da sua mãe, vai pagar para lavarem. — reclamo. — Parece que você volta a infância quando vem aqui.

— Nem sempre. A única vez

em que baguncei tudo foi por causa de uma certa noivinha que apareceu em minha frente vestindo quase nada.

— Obrigada por me culpar.

— Vamos jantar. O filme parece ser bom.

Durante duas horas vejo Igor sorrir com uma comédia americana. Em alguns momentos, me permito apenas observá-lo e ver como tenho sorte por

ter alguém divertido, amoroso e apaixonante ao meu lado.

Permito-me também entender que é exatamente assim que desejo a nossa vida a dois. Quero a cumplicidade, quero momentos amorosos, momentos a sós e momentos e com os amigos. Quero ver filmes de comédia, romance, suspense ao seu lado. Quero cafés da manhã preparados

juntos, jantares foras, mas outros preparados em união. Percebo que não quero muitas coisas impossíveis de cumprir. Quero apenas o amor e a cumplicidade e acho que isso podemos viver.

(...)

É tarde quando Igor e eu subimos para seu quarto de adolescente. O beijo suave que me dá ao deitar-se ao

meu lado é a prova de que nossa vida envolve muito mais do que desejo.

— Ainda está ansiosa para o casamento? — pergunta tirando os meus cabelos do meu rosto e me observando.

Estou cansada, com sono, mas ainda assim, adoro que se preocupa em conversar.

— Não. Estou feliz.

— Eu estou. Estou ansioso para

começar a viver com você tudo aquilo que desejo, que sonho.

— Hoje, te olhando sorrir de um filme bobo de comédia eu entendi tantas coisas, Igor. Não quero uma vida onde não iremos conversar, não quero uma rotina cansativa e focada apenas em nós. Eu quero que nossas famílias e amigos façam parte da nossa felicidade. Quero ter momentos só nossos, quero

tirar noites para sairmos juntos e noites para cozinhar e jantarmos na sala vendo filmes. Quero café da manhã preparado juntos, mas também na cama. Quero surpresas. É clichê, eu sei. Mas eu quero que sempre possamos conversar e que nosso quarto seja sagrado.

— Sagrado? Como dizem que a mesa é? — pergunta.

— Exatamente. Quero que prometa que jamais sentaremos a mesa brigados, assim como nunca iremos entrar em nosso quarto e nos deitar em nossa cama chateados um com o outro.

— Prometo.

— E quero que prometa que não iremos deixar para a velhice tudo o que desejamos viver, mesmo quando os filhos chegarem.

Vejo seu sorriso.

— Prometo.

— Por fim...

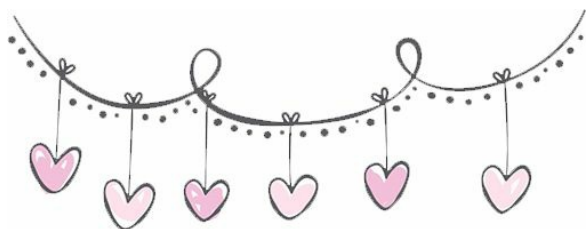
A risada gostosa de Igor me faz
sorrir.

— Por fim, quero você. —

Sorrio e o sinto me puxar para seus
braços.

— Você sempre me quer. E eu
sempre irei querer você.

Seus lábios encontram os meus
e assim, Igor me faz sua, provando que
assim como eu, ele ama nossos
momentos de explosão, mas também ama
nosso momentos de calma.



Capítulo 31

Igor Ribeiro

Em uma semana a terei ligada legalmente a mim como minha esposa. Uma semana e juraremos diante das nossas famílias e amigos que nos amamos e que será eterno.

Uma longa semana do caralho,

afinal, sua mãe, minha amada sogra, do nada, nos proibiu de nos ver. Já sei como será a minha última semana como solteiro. Cheia de chamadas de vídeos furtivas, ligações com vozes cheias de saudades e desejo. Mais uma semana sem tocá-la e sem poder amar todo seu corpo.

— Se esse casamento demorar um pouco mais enlouquecerei. — digo

ao terminar de vestir o terno em sua última prova.

— Está ficando muito sentimental. — Heitor diz ao parar ao meu lado. — Parece uma noivinha sorrindo sozinho vestido para o casamento. — finaliza e o ignoro.

— Até que ele está bonito. — João se aproxima e nos encaramos pelo grande espelho da loja de ternos.

— Eu acho que não sei se fiz bem ao convidá-los para serem meus padrinhos.

— Fez muito bem. Estamos aqui olhando um espelho como as mulheres fazem e te elogiando. Padrinhos melhores você não poderia ter. Agora, por favor faça uma cara de mau e não de menino apaixonado. Você é homem porra!

— Espero que você caia de amores tão rápido, Heitor, que não consiga entender como foi atingido.

— Falei, João. Aquela veterinária destruiu nosso amigo.

— Acho que quem mais critica o amor, mais deseja amar. — João entra na brincadeira.

— Está maluco. A única coisa que eu amo é a cerveja gelada e os

corpos das mulheres.

— Precisa amar mais do que os corpos. — digo.

— Quando você abre a boca só fala merda, Igor. — resmunga e sorrimos.

— Obrigado por estarem comigo.

— Não há de quê. Terá alguma policial gostosa nesse evento do século?

Queria testar as algemas. — Heitor volta a atacar.

— As policiais que estarão são comprometidas e a maioria com policiais. Acho que você não vai querer testar as algemas deles.

— Não mesmo. Alguma veterinária deve ter. As irmãs são bonitas?

— Não brinca com as Marias,

Heitor. Minha sogra vira bicho e eu amo muito minha vida para arriscá-la.

— Medroso. Quer dizer que apesar de me vestir como pinguim não poderei pegar ninguém? — pergunta e João sorri.

— Você só pensa em pegar alguém? — João questiona.

— Você pensa em algo mais?
— rebate.

— Penso que esse é o momento do nosso amigo e que poderíamos respeitar.

— Você dois andam bebendo escondido? — Heitor questiona.

— Não. — João e eu falamos juntos.

— Não interessa. Interessa que precisamos de um último momento como três solteiros. E que preciso beber.

(...)

Heitor fala tanto em beber que começo a achar que algo aconteceu e ele está querendo afogar o que quer que seja na cerveja. E isso acontece, passamos a noite bebendo e meu melhor amigo, embora tente, não nos engana.

A semana começa com uma puta dor de cabeça, os plantões foram

duros. Com prisões e trocas de tiros, o tipo de plantão que odeio. E hoje mais do que nunca, gostaria de encontrar Maria Luana, mas como minha sogra tão gentilmente pediu, continuo na casa dos meus pais e ao invés de ganhar um beijo da minha noiva, ouço minha sogra dizer:

— A espera valerá a pena.

Sim, valerá. Mas, puta merda.

Estou cansado e queria apenas abraça-

la.

Faço o café e enquanto o espero ficar no ponto, deito-me no sofá e fecho os olhos. Assusto-me quando ouço a porta se abrir e viro-me rápido para a porta.

O sorriso esperto de Malu me faz levantar e ir até ela.

— Senti sua falta. — diz ao corresponder meu abraço. — Mas senti

que precisava de mim.

— O dia foi cansativo, me acostumei a te abraçar e hoje mais do que todos os outros dias senti sua falta.

O sorriso em seus lábios me aquece.

— Achei que teria folga. Falta apenas dois dias. Minha mãe está enlouquecendo, minhas irmãs estão me enlouquecendo.

— Não consigo ficar em casa parado. Meus pais chegam apenas amanhã e decidi trabalhar. Hoje foi meu último plantão, agora só após a volta da lua de mel.

— Minha mãe anda chorando, estressada e já refez minhas malas duzentas vezes. Sempre tirando algo que diz que não vale a pena levar. Estou começando a achar que não levarei

nada.

— Eu adoraria mantê-la sem nada em nossa casa.

— Ah, vai me deixar ir trabalhar sem nada?

— Não. — digo e ela me empurra indo para a cozinha desligar o fogo.

Caminho até o cômodo e juntos arrumamos a mesa.

— Dois dias e faremos isso para o resto da vida. — fala.

— Espero que não todos os dias. — digo e a vejo me olhar brava.

— Calma, quis dizer que espero que alguns dias possamos sair para jantar fora.

A puxo para meus braços e a beijo.

— Já sabe o que me dirá no

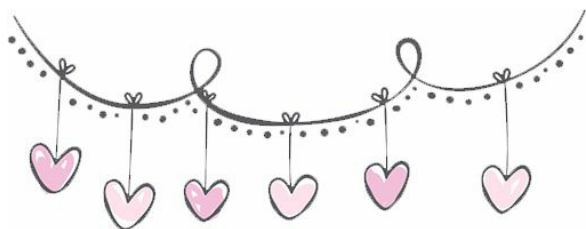
dia?

— Não. Eu quero mais provar do que falar. É errado?

— Não. Acho que amar é uma mistura atos e palavras. Eu sei que me ama porque sinto isso. E sei que sabe que te amo porque sente isso. Mas, prepare um discurso. — diz e se afasta para sentar-se à mesa.

— Eu te amo.

Maria Luana dá mais um sorriso e sei que o dia pode ser horrível lá fora, mas quando ficamos juntos, ele se torna melhor.



Capítulo 32

Maria Luana

Chegamos ao grande dia.

Queria dizer que estou nervosa, mas não posso. A verdade é que estou calma.

Muito calma. E enquanto eu estou tranquila, minha mãe parece surtar.

As tomadas de fotos são perfeitas. Minhas irmãs me auxiliaram em tudo e foi tão difícil fazer a mamãe parar de chorar para tirar as dela, mas é quando estamos apenas nós duas que a entendo.

— Desculpe por não parar de chorar. Está linda. A decoração ficou perfeita, a comida está incrível, o vestido é um sonho, seu cabelo, sua

maquiagem, mas nada disso é tão lindo quanto o brilho dos seus olhos.

Sorrio.

— Estou feliz por estar se casando com um homem íntegro, inteligente e bonito.

— Beleza não é tudo mamãe.

— digo.

— Não é, mas ajuda bastante.

— Sorri. — Estou brincando você sabe.

Estou um pouco tensa. A minha primeira filha está se casando, saindo de casa e pronta para viver uma nova etapa em sua vida.

— Estou saindo de casa.

— Calada, Malu. — reclama e a abraço forte. — Está casando-se e está feliz. Está se casando no momento certo. Sua vida profissional só me dá orgulho. É focada, estudiosa e uma ótima

profissional. Sua casa está linda e com cara de lar. Desejo que essa nova etapa seja cheia de descobertas, mas que tenha pés no chão.

— Essa conversa é como a que tivemos sobre sexo?

— Um pouco. É só um conselho de uma mãe chata. Tenha amor, cuidado, responsabilidade, sonhe, mas mantenha seus pés firmes no chão. Arrisque

quando necessário e seja feliz. É isso.
preciso descer e encontrar seu pai.
Nunca vi um homem tão calmo como
ele.

— A única pessoa nervosa aqui
é a senhora.

— Cala a boca, Maria Luana.

A vejo sair do quarto de hotel e
me olho no espelho. Logo em seguida
meu pai entra no quarto.

— Infelizmente teremos que quebrar a regra da noiva atrasar ou sua mãe ou o Igor terão um ataque cardíaco e ao invés de casamento teremos uma ida ao hospital.

Sorrio.

— Você está engraçadinho. —
digo.

— Estou sendo sincero. Está pronta?

Digo que sim. Papai caminha até mim e juntos vamos até o carro que nos levará a igreja. Meu coração acelera ao me aproximar, no entanto, tenho certeza de que essa foi uma das melhores escolhas que já fiz.

(...)

Paramos diante da porta da igreja e suspiro. Meu pai me olha e sorri

para mim. Ainda não estou nervosa como todos acreditam que deveria estar. Sinto um pouco de pressa. Pressa de viver tudo o que desejamos, que sonhamos.

As portas se abrem e me deparo com nossas famílias, amigos, me olhando. Lembro de tudo que ensaiamos. Um passo de cada vez. O caminho é curto e logo paramos diante dele. Meu

pai calmamente entrega minha mão a Igor e que a beija. Nós nos viramos para o padre que começa a cerimônia.

— Meus queridos irmãos e irmãs, estamos aqui para celebrar o amor. Mas, mais do que isso. Estamos aqui para celebrar a amizade, respeito e cumplicidade que levaram esses dois jovens a se amarem e ao se amarem desejarem sonhar com o eterno.

Igor aperta minha mão e o olho.
Sei que em meus olhos brilham o amor.
Não seria diferente.

— O amor é algo sublime, mas também é um risco e esses dois jovens escolheram se arriscar. Construir uma vida ao lado de alguém é uma tarefa difícil. Exige mais do que amor. Exige paciência, recomeços, amizade. É preciso aprender a renunciar em alguns

momentos.

Quando as alianças são abençoadas por ele. Sinto meu coração bater forte. O padre nos olha com amor e então vira-se para Igor.

— Igor Ribeiro, é por livre e espontânea vontade que deseja se casar com Maria Luana? — pergunta.

— Sim. — Igor responde forte e rápido, fazendo seus amigos sorrirem.

— Maria Luana, é por livre e espontânea vontade que deseja se casar com Igor Ribeiro?

— Sim.

— Se alguém presente se opõe a essa união, fale agora ou cala-se para sempre. — diz.

O momento deixa Igor tenso e me faz sorrir.

— Eu os declaro marido e

mulher. Pode beijar sua esposa, jovem.

Nós nos olhamos. Há tanto em nossos olhos. A felicidade querendo gritar. Contido, Igor me beija. É um beijo carinhoso, apaixonado. E então, viramos para a igreja. O padre nos apresenta como senhor e senhora Ribeiro e caminhamos para fora.

Quando saímos, Igor me abraça forte e me beija de maneira intensa.

— Por que precisa perguntar se alguém se opõe? Eu não convidaria alguém que se opusesse ao nosso casamento.

— É um ritual, amor.

— Para quê? Deixar os noivos nervosos? — brinca.

— Talvez.

— Não quero nunca mais passar por isso.

Sorrio ainda mais.

— Chegou a hora das bebidas e mulheres? — Heitor pergunta.

— Você está confundindo meu casamento com um bar? Uma balada? — pergunto e ele sorri. Logo sou puxada para seus braços, recebendo um abraço apertado.

— Sejam felizes.

— Obrigada!

João segue o mesmo ritual do amigo, mas logo ambos se afastam.

— Gostaria de fugir com você.

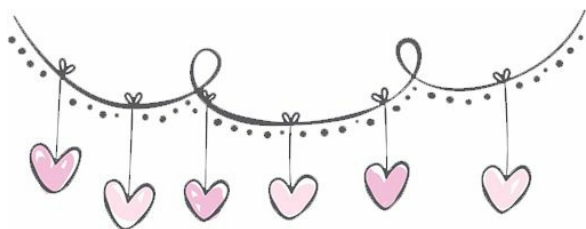
De começar nossa lua de mel.

— Para tudo há um tempo, seu policial. Agora, é o momento de curtir nossa festa e celebrar.

— Então vamos? Quanto antes terminar, mais cedo posso te ter.

— Ansioso. — brinco.

Seguimos juntos até o carro e o caminho até o salão onde a festa estará acontecendo não soltamos nossas mãos. Estamos começando uma vida nova e tenho certeza de que ela será incrível.



Capítulo 33

Maria Luana

Um mês após o casamento e a certeza de uma vida a dois incrível. Uma vida incrível. Não iremos sonhar com um casamento perfeito, vamos construir um casamento cheio de compreensão,

amor e lealdade. Não vamos idealizar nossos dias, mas vamos sonhar com cada um deles.

Nossa vida será de sonhos, realizações, realidade, entregas. Não queremos muito, mas queremos tudo aquilo que merecemos. Queremos uma vida inteira de amor, de paixão, de vida.

E enquanto observo Igor se dedicar ao casamento com intensidade e

verdade entendo que teremos tudo isso. Teremos amor e paixão, amizade e lealdade, teremos confiança e compreensão. Teremos sonhos, realidade, teremos um presente e teremos um futuro. Teremos intensidade e isso me enche de orgulho. O universo me deu o homem perfeito para mim e serei sempre grata.

— O que tanto pensa, Maria

Luana? — pergunta ao se aproximar e me puxar para seus braços.

— Em como nossa vida é maravilhosa e como será lindo o nosso futuro.

— Eu tenho essa certeza sempre que olho para você.

— Eu me apaixono a cada dia. Meu amor aumenta a cada dia e não sei como isso pode ser possível.

— Amor não se explica.

— Se sente.

— E sentimos muito. — me
beija.

Nunca resistirei aos beijos de
Igor. Nos conhecemos de forma maluca,
vergonhosa, mas única.

Uma queda e o ganhei o amor
da minha vida.

Uma queda e conheci o que é o

amor.

Igor é meu sinônimo de amor.

Igor Ribeiro

Meus dias com Maria Luana são cheios de declarações, não me envergonho de ter me tornado um homem romântico, que busca demonstrar sempre que possível o quanto a ama e o quanto é louco por ela. O que posso fazer? A amo.

Não mudaria nada em nossa história, nada em nossos dias. Sei que as diferenças irão aparecer, mas sei também que iremos cumprir tudo o que prometemos em nosso casamento.

Seremos um e seremos dois. Parceiros, amantes, a porra toda. Serei dela a vida toda e espero que ela deseje ficar comigo para sempre.

— Terra chamando, Igor. — me

chama e sorrio.

— Estava como você, sonhando com nosso futuro.

— Viramos esse tipo de casal. O que sonha acordado com o futuro e vive o presente apaixonadamente.

— Será assim todos os dias, porque nos amamos.

— Porque nos amamos. — diz e a puxo para mais perto em um abraço

ainda mais apertado.

Ela se solta de mim e caminha até o celular, rapidamente *Because you love me* da Céline Dion começa a tocar e Malu sorri. Sei o quanto gosta da canção. Com ela em meus braços danço pela sala. O som de sua risada me enche de amor.

Ela então me olha séria e canta:

You gave me wings and made me fly

You touched my hand, I could touch the
sky

I lost my faith, you gave it back to me

You said no star was out of reach

You stood by me and I stood tall

I had your love, I had it all

I'm grateful for each day you gave me

Maybe I don't know that much

But I know this much is true

I was blessed because I was loved by

you

You were my strength when I was weak

You were my voice when I couldn't

Speak

You were my eyes when I couldn't see

You saw the best there was in me

Lifted me up when I couldn't reach

You gave me faith 'cause you believed

I'm everything I am because you loved

me

Sorrimos e continuamos girando em meio a sala. A amo, sempre irei amar. Ela é a dona do meu coração. A mulher com quem quero e espero compartilhar toda a minha vida.

Em meio aos nossos rodopios caímos no sofá. A música continua tocando e sem pressa nossas roupas saem em uma entrega apaixonada e

intensa. Seremos sempre assim. Não há como mudar a essência do nosso relacionamento, do nosso amor.

— Eu te amo! — diz em meu peito.

— Eu sei.

— Tem que dizer que me ama também.

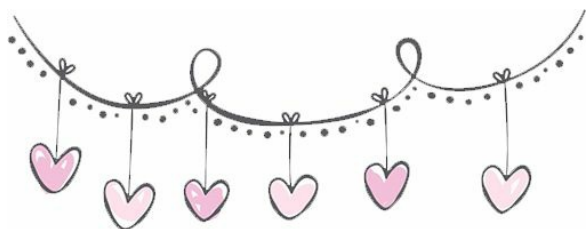
— Eu te amo.

— Meu policial. — fala e me

beija.

— Minha maluca. — A beijo de volta sabendo que nosso amor nunca irá diminuir, sabendo que nós somos assim, entregues. E assim continuaremos.

Fim



Epílogo

Maria Luana

Um ano depois

Um ano de casados e parece que não passou. Parece que somos o mesmo casal apaixonado que acabou de jurar amor eterno diante do padre e dos

amigos.

Um ano de casados e nossa vida tem sido completa. Temos sido mais do que felizes e temos enfrentados as dificuldades com sabedoria e amor. Aprendemos na prática que casamento não é perfeito, aprendemos que há dias loucos, dias intensos e dias calmos. Temos levado a sério a promessa que fizemos. Jamais dormimos brigados,

jamais deixamos que o dia acabe com a distância entre nós.

Há espinhos no amor, mas há beleza, há pureza. É ela que nos alimenta, que nos guia todos os dias ao futuro que sonhamos, que planejamos.

Olho ao redor do nosso quarto e sorrio. Há rosas espalhadas, um jantar está preparado, há uma música tocando baixinha.

— Tudo isso feito para mim?

— a voz forte de Igor me faz sorrir.

Viro-me para ele.

Meu policial lindo está fardado enquanto me olha apaixonadamente.

— Para nós.

— Queria muito ter saído um pouco mais cedo.

— Fez o impossível para vir hoje. Fico feliz por estarmos juntos hoje.

— Eu te amo. — Caminha até mim. Sempre farei o impossível para estar com você, farei o impossível por você.

— Não precisamos de atos vistos como impossíveis, precisamos apenas de amor e cumplicidade. Estou feliz em compartilhar esse momento com você. Estou tão feliz por estarmos vivendo um ano único. Estamos

construindo uma vida, Igor e tem sido uma vida incrível.

— Todos os dias ao seu lado são incríveis, amor. Obrigado por um ano de amor e compreensão.

Sim, vivemos um ano de descobertas, amor, compreensão. Um ano vivendo o paraíso que é estar apaixonados e a realidade do que é viver a dois.

— Um ano fortalecendo nossa amizade e amor.

— Amor que não para de crescer. É estranho, não é?

— Não. Estranho seria se eu não me apaixonasse por você todos os dias.

— É a mulher da minha vida. Eu te amo hoje muito mais do que ontem. Te amarei sempre. E prometo que todos

os dias extremos juntos. Prometo que te farei feliz e que nossa vida será incrível.

— Adoro nossas promessas.

Adoro porque sei que realmente nos esforçamos para cumprir. Adoro porque nunca são palavras vazias, adoro porque eu te adoro.

— Achei que me amasse.

— Eu te amo.

— Eu te amo muito mais.

Agora, podemos jantar? Seu policial está morrendo de fome graças ao plantão puxado que teve que enfrentar.

— Um fim romântico para uma noite que...

— Uma noite que acabou de começar.

Sorrio. Porque não foi só a noite que acabou de começar. Nossas vidas estão apenas começando e nós

dois estamos prontos para viver tudo o
que ela trará.

Outros Romances

da Autora:

<https://amzn.to/36bLX0F>